



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LEILANE TEIXEIRA DE CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA DE LONDRINA-PR
SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MORAL EM SUAS AULAS**

LONDRINA – PR
2013

LEILANE TEIXEIRA DE CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA DE LONDRINA-PR
SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MORAL EM SUAS AULAS**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física na Educação Básica, ofertado pelo Departamento de Estudos do Movimento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Educação Física na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires.

LONDRINA – PR
2013

LEILANE TEIXEIRA DE CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA REDE PÚBLICA DE LONDRINA-PR SOBRE A
CONSTRUÇÃO DA MORAL EM SUAS AULAS**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física na Educação Básica, ofertado pelo Departamento de Estudos do Movimento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Educação Física na Educação Básica.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Geraldo M. Gomes Pires
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Tony Honorato
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Ms. Anísio Calciolari Júnior
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 05 de dezembro de 2013.

Dedico este trabalho do Curso de Especialização aos meus pais,
José A. Carvalho e Elisa S. Teixeira de Carvalho.

AGRADECIMENTO (S)

Primeiramente, agradeço a Deus, o qual me dá ânimo em continuar a caminhada dos estudos buscando a formação continuada.

Agradeço imensamente aos meus pais que me dão o suporte psicológico e físico para continuar me dedicando aos estudos. A minha irmã Thacyana que sempre me auxilia com as ferramentas dessa bela máquina, o computador. E a meu noivo André, que abriu mão de compromissos nos dias em que eu tinha aulas, para que assim eu pudesse estudar “tranquilamente”.

Aos meus colegas de curso, que junto comigo passaram suas sextas-feiras e sábados estudando. Muitos deles, com filhos, cachorro, papagaio, tartaruga e trabalho puxado, aparentemente exaustos, mas sempre dispostos a novas aprendizagens, vocês foram a verdadeira superação deste curso!

Aos professores do curso de especialização, os quais alguns eu ainda não conhecia e outros velhos conhecidos da graduação, que nos cederam seus fins de semana, a fim de compartilhar conosco seus conhecimentos e experiências.

Agradeço ainda, a meu orientador Dr. Antonio Geraldo M. G. Pires, que em minha banca de graduação, na qual foi membro, me fez o convite para ser sua orientanda em seu grupo de estudos, o CEMIDFEL. A suas orientandas Morgana e Marta que em muito me auxiliaram, com ideias e conhecimentos. E aos professores Anísio e Tony por aceitar meu convite para ser banca examinadora de meu trabalho.

Obrigada a todos vocês!

CARVALHO, Leilane Teixeira de. **Representações Sociais de professores de Educação Física da rede pública de Londrina-PR sobre a construção da moral em suas aulas**. 2013. 81 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação Física na Educação Básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

O presente trabalho buscou compreender de que maneira os professores de Educação Física da rede pública da cidade de Londrina-PR constroem o conceito de moral em suas aulas e, mais especificamente, identificar as representações sociais instituídas em seus imaginários sobre a moral para, a partir da análise de seus discursos, entender como lidam com os conflitos e dilemas em suas aulas. Para tanto, elegemos a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici como matriz teórico-metodológica e para a análise do material coletado por meio das entrevistas semi-estruturadas, adotamos a técnica da análise de discurso, na perspectiva de Orlandi. Foram entrevistados seis professores, três homens e três mulheres. Após a análise das entrevistas, identificamos que a representação social sobre a moral não se mostrou enraizada, assim trata-se apenas uma opinião sobre o conceito de moral. A maioria dos atores sociais lida com os conflitos de forma pontual, não aprofundando o debate e entendendo que este não deve ocorrer em suas aulas. Além disso, verificamos nos discursos dos mesmos a presença de uma compreensão elementar acerca da moral, sendo que um dos atores acredita que este ensino não lhe cabe como docente da disciplina de Educação Física. Entretanto, defendemos que a construção dos valores morais é possível e os documentos oficiais dão suporte para o ensino deste conteúdo em sala de aula, abordando questões relacionadas ao respeito mútuo, a igualdade, a justiça, entre outros valores essenciais à boa convivência e à formação cidadã.

Palavras-chave: Educação Física, moral e representação social.

CARVALHO, Leilane Teixeira de. **Representações Sociais de professores de Educação Física da rede pública de Londrina-PR sobre a construção da moral em suas aulas**. 2013. 81 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação Física na Educação Básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

The present study sought to understand how the physical education teachers from public schools of the city of Londrina-PR construct the concept of moral in their classes, and more specifically, to identify the social representations imposed on their imaginary about moral for, from analysis of his speeches, understand how they deal with conflicts and dilemmas in their classes. To this end, we selected the Social Representations Theory proposed by Moscovici as theoretical-methodological matrix and for the analyze the collected data through semi-structured interviews, we adopted the technique of discourse analysis from the perspective of Orlandi. Six teachers were interviewed, three men and three women. After analyzing the interviews, we identified that the social representation about the moral was not rooted, so it is only an opinion on the concept of moral. Most social actors deal with conflicts in a ponctual manner, not deepening the debate and understanding that this should not occur in their classes. Furthermore, we found in the discourses of the same, presence of an elementary understanding around moral, and one of the actors believe that this school is not up to him as a teacher of Physical Education. However, we argue that the construction of moral values is possible and the official documents lend support to the teaching of this content in the classroom, addressing issues related to mutual respect, equality, justice, among other essential values for the good coexistence and for training citizen.

Key words: Phisical Education, moral, and social representation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	12
3. REVISÃO DA LITERATURA	15
3.1 O AMBIENTE ESCOLAR E A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA	15
3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE MORAL	20
3.2.1 Os Estágios da Moral: Anomia, Heteronomia e Autonomia	23
3.3 A MORAL NA ESCOLA E DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	26
3.4 CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL	31
3.4.1 Objetivação e Ancoragem	34
3.4.2 Representação Social e seus Representantes	36
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES	57
APÊNDICE A - ENTREVISTA I	58
APÊNDICE B - ENTREVISTA II	61
APÊNDICE C - ENTREVISTA III	65
APÊNDICE D - ENTREVISTA IV	69
APÊNDICE E - ENTREVISTA V	72
APÊNDICE F - ENTREVISTA VI	76
ANEXOS.....	80
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	81

1. INTRODUÇÃO

A escola tem sua finalidade estabelecida a fim de formar cidadãos humanizados, isto é, agentes na transformação de seu contexto, proporcionando para si e para os demais uma vida com qualidade, reduzindo as desigualdades de origem social (LIBÂNEO, 1989). Além desta, a finalidade da escola também se dá pelo conhecimento que os professores devem construir juntamente com seus alunos, conhecimentos estes que façam sentido e significado a estes (MORENO, 1997).

Assim, o docente presente nesta escola, apresenta um papel fundamental na vida de um ser humano, uma vez que ele passa parte do dia com seus alunos, em alguns casos este passa mais tempo com a criança do que seus próprios familiares. Por isso, os ensinamentos do docente devem ir além do conhecimento científico, neste sentido o professor pode auxiliar seus alunos na construção de sua moralidade (VINHA, 2000).

O docente de Educação Física pode propor situações-problema que suscitem momentos de conflitos para que seus alunos reflitam em busca de possíveis soluções. Essa ação pode auxiliar os mesmos na construção da moralidade individual de cada aluno envolvido naquela ação, como aponta Vinha (2003).

A moralidade que também se constrói em outros ambientes, inclusive no lar, transformará o aluno em um cidadão melhor em diversos aspectos, como homem/mulher, como pessoa, como cidadão, pois ele respeitará o próximo, se colocará no lugar do outro, entre outros valores morais. Assim, a escola se soma ao espaço familiar de seus alunos, esta não sendo um ambiente fragmentado na vida de seu aluno, aonde ele vai, aprende o conhecimento ensinado por seu professor e vai embora somente tendo contato com a mesma no dia seguinte, ou na semana seguinte. Não! Na escola a criança é o mesmo ser humano que se faz presente em casa, na igreja, no clube. Portanto, professor e familiares são parceiros no auxílio da construção dos valores morais das crianças (PUIG, 1998).

A disciplina de Educação Física pode possibilitar a transformação dos alunos em cidadãos emancipados, superando a ingenuidade, se tornando críticos e inquiridores perante a sociedade e local onde residem (FREIRE, 1996). Assim, o professor tem como papel ser um mediador. Cabe a ele mediar o

conhecimento científico que o aluno terá acesso dentro da sala de aula e o conhecimento inicial, de senso comum, que o aluno traz consigo para a escola. Deste modo, o docente deve ser um agente transformador, atuando nesta e em demais construções que ocorrem em suas aulas (TARDIF, 2003).

O aluno durante a vida escolar passa pelo desenvolvimento de dois momentos morais: a heteronomia e a autonomia. Na fase heteronoma, ele vive uma obediência cega ao professor sobre as regras e ações cotidianas no ambiente escolar (LA TAILLE, 2006), chegando por fim a fase autônoma em que observa-se uma “adoção consciente e consentida de valores”, apontada por Menin (2002, p. 97). Embora, alguns alunos não cheguem a última fase, provavelmente por não serem estimulados de forma correta ou por não passarem por momentos no decorrer da aula, em que seja favorecida a busca pela fase autônoma.

Deste modo, concebendo que o professor de Educação Física apresenta papel essencial na formação humana e moral de seus alunos, este tem uma concepção formada sobre moral e seus valores em seu imaginário, ainda, é ele quem proporcionará momentos de reflexão e de ensinamento de valores a seus alunos, pois somente com essas construções eles se tornarão cidadãos que apresentam as características citadas acima. Assim, surgiu a problemática desta pesquisa: de que maneira os professores de Educação Física constroem o conceito de moral em suas aulas?

Como objetivo geral este estudo busca verificar como estes constroem o conceito de moral em suas aulas e, mais especificamente, identificar as representações sociais instituídas no imaginário dos professores de Educação Física sobre moral para, a partir da análise de seus discursos compreender como os professores lidam com os conflitos e dilemas em suas aulas.

Em se tratando de estudos que envolvem a moral e a moralidade, a construção pela qual os alunos passam quando se é trabalhado de forma correta e positiva se tratando do estímulo com atividades adequadas às faixas etárias, se faz necessário então uma atenção maior para este assunto na área da Educação Física.

Esta temática se faz muito necessária nos dias atuais. Dias em que as pessoas estão cada vez mais indiferentes, insensíveis, desrespeitosas para com seu próximo. As crianças de hoje se mostram relutantes em respeitar os ensinamentos de seus pais e professores, problemática verificada através do aumento de notícias a respeito destes dilemas. A construção da moralidade dos

alunos não está mais sendo levada a sério, como assunto primordial, porém esta deve ser considerada, a fim de contribuir na qualidade de vida do próprio aluno e daqueles que estão ao seu redor.

Com isso, o presente estudo se justifica como complementação à minha formação acadêmica e docente, que ainda se faz inicial e que permanece em constante desenvolvimento. Além de ser uma necessidade acadêmica de compreender e aprofundar o estudo nesta temática que já fora iniciada na graduação em forma de trabalho de conclusão de curso.

Espero que esta pesquisa venha a contribuir com estudos subsequentes e que traga a seus futuros leitores a vontade de pesquisar mais sobre o assunto aqui abordado, trazendo assim contribuições significativas a nossa área de conhecimento, consolidando a área como campo de produção de conhecimento científico, enriquecendo constantemente o acervo desta. Pois, se trata de um assunto muito presente nas escolas, uma vez que os alunos estão se manifestando de forma agressiva na resolução de problemas e/ou dilemas no cotidiano escolar.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de caráter descritivo, que de acordo com Gil (2007, p. 42) “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”. Além disso, foi norteada com os pressupostos metodológicos do estudo de campo, descrita pelo mesmo autor, “[...] o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (ibid. p. 53). Como população utilizou-se professores de Educação Física da rede Estadual de Londrina. A amostra da pesquisa foi composta por 6 professores da Rede Pública de Ensino, em específico o Ensino Fundamental anos finais, 6º ao 9º anos, sendo escolhidos de forma intencional, pois utilizamos 6 professores de colégios estaduais localizados na região central da cidade de Londrina. Sendo eles, 2 professores do Colégio Estadual Vicente Rijo, o maior Colégio Estadual da cidade de Londrina-PR, fundado há mais de sessenta anos. Mais 2 professores do Colégio Estadual Hugo Simas e 2 professores do Colégio IEEL (Instituto de Educação Estadual de Londrina).

No que diz respeito à formação acadêmica dos atores temos: cinco deles formados no estado do Paraná e um no estado da Paraíba, sendo que dentre os formados no Paraná, somente um é formado em instituição privada, a Universidade Norte do Paraná, mais conhecida como UNOPAR e os demais se formaram na Universidade Estadual de Londrina, a UEL. Entre os entrevistados, um se formou na década de 1970, um na década de 1980, três na década de 1990 e um no ano 2000. Todos os atores sociais possuem curso de especialização, sendo que um deles apresenta o título de Mestre em Educação. Realizada a escolha destas escolas, a pesquisadora realizou três entrevistas piloto a fim de refinar seu instrumento de coleta de dados, a entrevista. Após isto, foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para que os entrevistados assinassem e marcassem a data e o horário para a realização das entrevistas.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados: um gravador digital; um caderno de anotação e um roteiro de entrevista semi-estruturada.

Segundo Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as

perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

A pesquisadora realizou entrevistas piloto para melhor se familiarizar com a metodologia de pesquisa adotada neste trabalho, além de refinar o roteiro de entrevista que teve uma função de guia.

A entrevista guiada supõe um roteiro estritamente articulado com o problema a ser investigado, mas flexível, que permite se desdobrarem novos tópicos na conversação, e ao mesmo tempo garante de todos os informantes o mesmo conjunto de itens [...] (VOTRE; BOCCARDO; FERREIRA NETO, 1993, p. 60).

Após realizada essa primeira etapa, as entrevistas foram realizadas com os professores em horários pré-estabelecidos pelos mesmos, sendo que a entrevista teve a característica de uma conversa informal, buscando um ambiente favorável para a conversa.

O roteiro desta pesquisa abordou os seguintes tópicos:

- Ano, curso e instituição de formação inicial (graduação) do professor(a);
- Formação continuada (pós-graduação);
- Relato sobre suas aulas com os alunos dos anos finais do Fundamental II;
- Caracterização geral dos alunos;
- Relato sobre a presença (ou não) de conflitos, problemas e/ou dilemas em suas aulas;
- Conceito de moral;
- Formas de trabalhar a moral durante as aulas.

O objetivo da entrevista foi verificar se o professor de Educação Física constroem em suas aulas os valores morais com seus alunos, seja em momentos de conflitos ou não.

Segundo Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Após a entrevista, procedeu-se à transcrição dos dados, na qual a pesquisadora se manteve fiel aos discursos dos atores sociais envolvidos, pois “Se

for editado e ‘melhorado’, representará um falseamento dos dados” (VOTRE; BOCCARDO; FERREIRA NETO, 1993, p. 64).

Por fim, a análise das entrevistas valeu-se da análise de discurso enquanto técnica, que segundo Orlandi (2001),

[...] como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. [...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (p. 15).

Sendo assim, a linguagem citada por Orlandi, refere-se ao sujeito carregado de materialidade que somou-se ao longo da história. O sujeito entrevistado aqui, o ator social, o professor, tem a ideologia como prática significativa para se relacionar com a língua e com a história, pois, somente assim haverá sentido (ORLANDI, 2001). A ideologia “[...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ibid. p.46), e a linguagem, ferramenta utilizada pelo sujeito para expor a sua história que acaba por influenciá-lo.

É nesta linguagem observada aqui em forma de discurso, que temos as representações sociais que se materializam e, a análise de discurso dá os subsídios necessários ao desvelamento destas falas, fazendo emergir os sentidos que elas portam.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 O AMBIENTE ESCOLAR E A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola já foi um local que teve sua imagem ligada, única e exclusivamente, a transmissão de conhecimentos e a disciplinarização das crianças, no sentido de torná-las dóceis, como nos apontava Foucault (1987). Entretanto, nesta pesquisa ela é concebida como um local no qual é possível verificar “um algo a mais”, onde ocorrem interações sociais, aprendizagens, descobertas, relações entre o contexto e a escola que vão muito além do elementar ensinar e disciplinar.

Nesta perspectiva, a escola é entendida como local privilegiado de transformação individual e social. É nela que o aluno aprende, resignifica e socializa com seus pares, professores e demais sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, buscando interações sociais equitativas e que atendam o interesse comum.

Enquanto instituição formal de ensino, a escola tem a função de criar situações/contextos favoráveis à aprendizagem, pedagógica e intencionalmente planejados pelo professor. Dito de outra forma, “a escola é o lugar onde o professor, em sua exterioridade, torna possível a ciência” (HADJI, 2001, p. 137), além de formar sujeitos curiosos e não conformados com suas realidades, possibilitando uma transformação social. Para que este aluno possa atuar na realidade em que ele está inserido, a escola terá um papel fundante em sua instrumentalização para a realização da transformação almejada.

As crianças e os adolescentes, muitas vezes, passam a maior parte de seu dia dentro do ambiente escolar. Sendo assim, este deve oportunizá-lo múltiplos momentos de aprendizagens, trocas, vivências, resignificando inúmeras experiências valiosas para o desenvolvimento e humanização de seus alunos (SAVIANI, 1992). Assim, “Os educadores têm diante de si a tarefa de formação” (SILVA, 2009, p. 39).

Deste modo, Saviani (1992) apresenta seu entendimento sobre a finalidade da escola em relação à humanização.

Portanto, o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens; e aí se incluem os próprios homens. Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas por ele produzida sobre a base da natureza bio-física. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é

produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (p. 21).

Neste trecho o autor ainda aponta outra questão fundamental, a de que o aluno é individual, cada um com suas particularidades. Portanto, o professor não deve tratar sua sala como sendo homogênea e sim heterogênea, considerando todos, se tratando do processo de aprendizagem, ao elaborar e organizar sua aula, adequando o conteúdo aos seus alunos, aos quais ele irá ministrar sua aula.

Ainda no que diz respeito às particularidades da escola, Saviani (1992, p. 22), aponta que esta “[...] é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado.” Deste modo, esta instituição tem como objetivo tornar acessível a todos os seus alunos os conhecimentos científicos elaborados cultural e historicamente com o passar dos séculos e que devem ser primeiramente sistematizados pelos docentes antes de serem ensinados em sala de aula.

Do ponto de vista legal, a instituição escolar é norteadada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394, de dezembro de 1996 e no título II - Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, art. 2º, aponta que,

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda nos documentos oficiais Nacionais, produzidos para oferecer uma orientação teórica aos os profissionais de todas as disciplinas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), encontramos que,

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social (BRASIL, 1998, p. 42).

É possível inferir que, como componente curricular, a Educação Física deve ter seus objetivos alinhados àqueles definidos no projeto político pedagógico da escola, dentro dos limites de sua especificidade.

O docente tem o dever de ensinar a seus alunos, não os negando a oportunidade de aprender conhecimentos peculiares a este. De acordo com as

Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, são conteúdos estruturantes da Educação Física: a Ginástica, os Jogos e brincadeiras, a Dança, o Esporte e as Lutas, e os elementos articuladores dos conteúdos estruturantes: Cultura Corporal e Corpo; Cultura Corporal e Ludicidade; Cultura Corporal e Saúde; Cultura Corporal e Mundo Do Trabalho; Cultura Corporal e Desportivização; Cultura Corporal – Técnica e Tática; Cultura Corporal e Lazer; Cultura Corporal e Diversidade; Cultura Corporal e Mídia (PARANÁ, 2008). Com isso, a partir destes conteúdos sugeridos pelos documentos oficiais, é que os professores da disciplina definem os conteúdos e assuntos de suas aulas.

São nestas aulas, que o professor proporciona momentos de desequilíbrio cognitivo, que de acordo com Vinha (2000),

A educação construtivista requer que o professor compreenda profundamente como a criança constrói o conhecimento e como se desenvolve em todos os seus aspectos, ele precisa perceber os caminhos do seu raciocínio, o que ela compreende, e apresentar questões que a desequilibrem, que gerem conflitos cognitivos, e que propiciem objetos adequados para a criança agir na busca do equilíbrio (p. 121).

Isto é, quando o docente traz algo novo para seu aluno, o deixando inquieto, a ponto de refletir e buscar uma resposta para aquela inquietação inicial, deste modo, o professor provocou um desequilíbrio em seu aluno, o levando a buscar um novo equilíbrio, que ele encontra no momento que aquela inquietação inicial não lhe é mais incômoda. Deste modo, o aluno que se “desequilibrar” é levado a uma reflexão e, esta por fim o leva a um equilíbrio trazido pela construção de novas estruturas mentais, que por sua vez não deve ser definitivo ou um estado permanente. Logo, este desequilíbrio/reflexão/equilíbrio, precisa se tornar um processo cíclico, ou seja, ser um exercício praticado diariamente por parte do aluno, a todo instante que lhe é proposto algo novo. Por fim, esse processo leva o aluno a um desenvolvimento, a um crescimento, se tratando de conhecimento, pois ele aprende a fazer este exercício inconscientemente.

Pensando em uma Educação Física que proporcione ensino e aprendizagem em sua aula, levando em consideração o processo citado acima, esta disciplina curricular apresenta a mesma característica que as demais disciplinas presentes na escola, qual seja: ensinar seus conhecimentos particulares, aqui representados pelos movimentos culturalmente construídos, abordando seus

conteúdos próprios, concordando com Palma *et al.* (2010) que é a cultura do movimentar-se, ação intencional dentro das aulas de Educação Física, envolvendo os jogos, os esportes, as danças, as brincadeiras, entre outras. Sempre havendo uma contextualização, pois o aluno carrega consigo suas vivências, seu conhecimento prévio.

O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade. A contextualização evoca por isso áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas (BRASIL, CEB 15/98).

Concebendo que a aula de Educação Física não se restringe a um simples “rola bola”, no qual o aluno somente reproduz o que ele faz fora dela, nos campos, nas praças, nos clubes, é preciso reforçar que a aula é um momento em que o aluno irá aprender o conhecimento científico, ensinado por seu professor de maneira contextualizada com sua realidade e com sua experiência prévia. Nesta aula sim, o aluno aprenderá, estabelecendo uma troca com seus pares e na relação com o docente.

Na aula de Educação Física o aluno vivencia constantes momentos em que ele explora, desbrava, descobre, copia, cria e, assim, reelabora sua ação. Ele reconstrói seu movimento dentro de um jogo, por exemplo. E todo este processo, auxiliado por seu professor, mediador entre aluno e conhecimento e não detentor do conhecimento único e verdadeiro, como afirma Hadji (2001),

O professor é um mediador entre o aluno e o saber. Ele organiza o encontro com o ‘saber erudito’ (transposição didática) que permitirá ao aluno construir seu próprio saber. Organiza a dialética sujeito/ambiente criando um espaço educativo, por ‘recorte’ de situações de aprendizagem adequadas (p. 138).

Indo ao encontro de Hadji e avançando, encontramos em Luckesi (1994, p. 115) “O professor fará a mediação entre o coletivo da sociedade (os resultados da cultura) e o individual do aluno. Ele exerce o papel de um dos mediadores sociais entre o universal da sociedade e o particular do educando”. Ou seja, o docente irá considerar o conhecimento inicial de seu aluno, sua bagagem

trazida de fora dos muros da escola e o auxiliará a ressignificá-lo a partir do conhecimento científico o qual irá se deparar dentro do ambiente escolar.

Para que todo este processo de ensino-aprendizagem descrito acima ocorra, se faz necessária a formação continuada do professor. O docente deve ter uma sustentação teórica enriquecida com estudos individuais, com participações em grupos de estudos, interessar-se pelo constante crescimento de seu embasamento teórico. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. [...] Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p. 29). Deste modo, o professor, além de pesquisar e assim estudar, acaba resignificando a sua ação docente, a partir do momento que ele reflete sobre a sua ação pedagógica. Portanto, isso o torna um professor melhor. Complementando Freire, Luckesi (1994, p. 116) diz que, “[...] o educador necessita conhecer bem o campo científico com o qual trabalha. [...] o educador tem necessidade de possuir competência teórica suficiente para desempenhar com adequação sua atividade”. Somente deste modo, a atuação docente não será vazia e sem intenção de proporcionar ensinamento a seus alunos.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE MORAL

Assunto muito abordado e analisado nos últimos anos, pois sou uma prova disso dando continuidade aos meus estudos principados na formação inicial em 2011, verificado ainda, pelo fato de diversos colegas de graduação e de pós-graduação estarem estudando esta temática, a moral é um tema recorrente na área da Educação, já que este tema se faz presente na realidade escolar não na forma de disciplina, mas de forma implícita durante as aulas. “Devido à urgência de estabilização social, a ética e a educação para os valores passaram a representar um dos grandes eixos de preocupação e discussão nos mais diversos campos: político, científico, religioso, midiático e, especialmente, no campo educacional” (SHIMIZU; CORDEIRO; MENIN, 2006, p.167). E concordando com La Taille (2006, p. 73), “A moral é, antes de mais nada, um objeto de conhecimento. Ela ‘diz’ coisas que a pessoa deve conhecer”.

Indo ao encontro da afirmação do autor citado acima,

A moral remete, antes de tudo, às coisas que devemos conhecer, para, assim, deliberar, decidir, avaliar, prever, ou seja, diz respeito a regras e princípios que devem ou não ser feitos, analisados, optados e que são realizadas pela dimensão intelectual, pelas estruturas cognitivas, as quais são construídas em inter-relação com as outras dimensões culturais, corpóreas e afetivas (SILVA, 2009, p. 32).

Deste modo, a escola se torna um local rico, no qual há a intenção de promover relações de desenvolvimento e aprendizagem com o diferente. Ainda, as aulas de Educação Física, são excelentes ambientes de relação, em que o docente pode organizar situações a proporcionar diálogos que conseqüentemente trará a tona ações como estas, citadas pela autora.

É plausível mencionar que ocorre na sociedade uma relação entre homem e moral há tempos, sendo esta uma construção humana. Estudos sobre a relação do homem com a moral são desenvolvidos há anos, principalmente pelo autor Jean Piaget, o qual estudou sobre este e outros assuntos que envolvem aprendizagem humana até o fim de sua vida, embasando diversas pesquisas e estudos na área educacional. Outros autores contemporâneos como Yves De La Taille, Telma Pillegi Vinha, Rheta De Vries, também contribuem para uma expansão hodierna desta temática no ambiente escolar, onde encontramos as aulas de Educação Física, nossa disciplina em questão.

Apesar de já analisado por esta pesquisadora como se dá a construção da moralidade pelo aluno, em seu trabalho de conclusão de curso no ano de 2011, é interessante resgatar alguns pontos e ir além para o devido aprofundamento. Ao observar o conceito de moral segundo o Dicionário básico de filosofia (JAPIASSÚ, 2008), temos,

Em um sentido amplo, sinônimo de ética como teoria dos valores que regem a ação ou conduta humana, tendo um caráter normativo ou prescritivo. Em um sentido mais escrito, a moral diz respeito aos costumes, valores e normas de conduta específicos de uma sociedade ou cultura, enquanto que a ética considera a ação humana do seu ponto de vista valorativo e normativo, em um sentido mais genérico e abstrato (p. 193).

A partir desta conceituação inicial podemos concluir alguns pontos. O primeiro é de que moral e ética não são a mesma coisa, a moral seria uma discussão mais social, pois envolve relações humanas, já a ética, remete a uma discussão filosófica, buscando examinar uma coerência entre ações e princípios, apresenta Silva (2009). Um segundo ponto, seria que moral trata de valores sociais. Estes por sua vez, podem ser morais (justiça, veracidade, honestidade, generosidade, solidariedade etc.) e não morais (beleza, sucesso, sedução, riqueza, popularidade, entre outros). Com isso, os morais nos remetem a um ideal de convivência com o outro em uma sociedade mais justa e igualitária, diferentemente dos valores não morais, os quais infelizmente são os mais cultuados pela sociedade, a sociedade do “ter” e não a do “ser”, e também pela mídia, ligada a aparência e obtenção de bens materiais. Outro ponto significativo é que a moral pode variar de cultura para cultura, sendo assim conhecer outras culturas nos ajuda a construir uma maior sofisticação do juízo moral, segundo La Taille (2006).

Ainda se tratando dos valores que podemos chamar de “a base” da moral, é possível observar que os mesmos são internos, isto é, cada indivíduo tem os seus. Assim, é verificável que na escola, ambiente plural, os conflitos muitas vezes irão ocorrer por divergência de valores. Discorrerei mais sobre os conflitos nas aulas de Educação Física no capítulo à frente. Concordando com a fala acima, temos Tognetta e Vinha (2009, p. 16) “A moral, portanto, viria de dentro, não sendo fruto das normas advindas do exterior de si”. Porém, o exterior influencia e contribui nesta construção moral pela qual o aluno passa durante o desenvolver das aulas, na convivência com seus pares e professores.

A moral está profundamente ligada as regras e são elas que acabam nos regulando moralmente. Sendo assim, a Escola, ambiente totalmente regrado, é um ótimo local para se investigar e compreender a temática.

Conforme La Taille (2006) a moral trata de alguns aspectos,

Ela fala em regras, e assim diz o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Ela fala em princípios, ou máximas, e, portanto, diz em nome do que as regras devem ser seguidas. E ela fala em valores, e assim revela de que investimentos afetivos são derivados os princípios (p. 73).

Nesta perspectiva é possível ressaltar mais dois elementos presentes na moral: os princípios e os valores, além das regras já mencionadas anteriormente.

Novamente recorreremos ao Dicionário básico de filosofia, no qual Japiassú (2008, p. 226) conceitua princípios como, “Preceito moral, norma de ação que determina a conduta humana e à qual um indivíduo deve obedecer quaisquer que sejam as circunstâncias”. Ainda na mesma obra, se tratando de valores, estes são “Do ponto de vista ético, [...] são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta” (ibid. p. 275). Portanto, não é possível conceber moral, sem relacionar os princípios, as regras e os valores. E serão estes aspectos da moral, que surgirão nos conflitos, seja nas ações dos alunos para com seus pares, dos alunos para com o docente em um momento de negociação, imposição de regras ou no diálogo, por exemplo.

O docente não pode deixar de ponderar que o ensino dos valores dentro de suas aulas, ultrapassará os muros que cercam a escola, pois o aluno irá agir em seu contexto. Assim, o docente deve considerar o contexto de seu aluno, possibilitando uma harmonia e uma qualidade de vida, a partir dos valores morais presentes dentro e fora da escola.

Para tanto, convém assinalar que a moral é composta por dois estágios (PIAGET, 1932/1977), os quais coincidem com boa parte do período escolar da criança. São eles: a heteronomia e a autonomia. Ainda, observamos o estágio da anomia, mas este por ser o estágio inicial e por se encerrar logo nos primeiros meses de vida criança, não se faz presente durante a vida escolar do aluno. A seguir, trataremos destes estágios com mais detalhes.

3.2.1 Os Estágios da Moral: Anomia, Heteronomia e Autonomia

Dentro do processo de construção da moral é possível observar dois momentos pelos quais a criança passa maior parte do tempo de seu desenvolvimento, sendo este tempo vivenciado dentro do ambiente escolar: são as fases heterônoma e a autônoma.

Antes de mais nada, devemos mencionar que existe uma primeira fase dentro da moral, a anomia, porém esta fase não é observada no ambiente escolar. Pelo menos, não nos anos finais do Ensino Fundamental, mas sim, no berçário, pois esta fase somente se faz presente nos meses iniciais de vida da criança e, nesta fase, a criança ainda não entrou no mundo moral, de acordo com La Taille (2006). Entendendo que esta criança se quer é capaz de ter uma compreensão do que ocorre ao seu redor, podemos iniciar a diferenciação entre as outras duas fases.

De Vries e Zan (1998, p. 54) nos apresenta a raiz do termo heterônoma que significa “seguir regras feitas por outros”. A heteronomia faz parte de um todo, isto é, ela é um momento da construção moral, deste modo o sujeito não pula e nem deixa de vivenciá-la ao longo de seu desenvolvimento. “Ninguém ‘pula’ estágios, pois o estágio superior nasce da superação do anterior” (LA TAILLE, 2006, p. 97). Nesta fase, a criança passa por uma obediência cega, seja no ambiente escolar, obedecendo a uma imposição do professor, seja fora da escola, obedecendo a uma autoridade ou um adulto. Em algum momento que falte essa referência, ou seja, perante a ausência de um adulto, a criança não saberá como proceder, pois essa obediência lhe traz uma dependência até certo ponto prejudicial.

“A heteronomia é a fase quando a fonte de legitimação das regras está no outro e dependem dele. [...] tem como característica o egocentrismo e a submissão” (SILVA, 2009, p. 40). Egocêntrica, porque a criança nesta fase ainda não é capaz de se colocar no lugar do outro, compreender a perspectiva do outro e submissa pelo fato da obediência cega a uma figura adulta. Segundo Vinha (2003, p. 15), “a heteronomia é resultante das relações de respeito unilateral, que é o respeito que a criança sente pelo adulto, engendra em submissão, pois o justo define-se pela obediência”. Indo ao encontro desta autora, De Vries e Zan (1998, p. 40) “[...] a heteronomia é a regulação moral e intelectual por outros.” Nesta fala dos autores, é possível relacionar a dependência de uma figura adulta, neste caso, o professor.

No que tange a consciência das regras, ainda primitiva nesta fase, as tornam imutáveis, sagradas. Isto é, sendo elas estabelecidas pelo adulto, as mesmas não podem ser negociadas ou se quer quebradas. Sobre a compreensão das regras nesta fase, La Taille (2006, p. 98) diz que, “[...] a criança tende, por um lado, a interpretá-las ao pé da letra [...]”. Se faz plausível citar as regras convencionais, inferior as morais e estabelecidas por um determinado grupo, portanto, não é universal (exemplo: não pode boné, não pode mudar de time, entre outros) e as regras morais que tratam da integridade física, estas sim universais, pois versam sobre o bem estar próprio e do outro. Com isso, estas regras tratam de uma regulação para a convivência com o outro, seja ela dentro da escola ou fora dela. Ainda, a consciência do dever, em relação ao cumprimento destas regras, se faz presente neste estágio, ou seja, o dever de obedecer um mandamento do outro (SILVA, 2009).

Superando este estágio da heteronomia, apresentamos a autonomia. “A palavra autônoma vem de raízes significando ‘auto-regulação’”(DE VRIES; ZAN, 1998, p. 54). Fase em que muitos não chegam, provavelmente por não serem estimulados de forma correta ou por não passarem por momentos em que lhes seja favorecida a busca por essa última fase moral.

É neste momento que a criança começa a tornar-se moralmente autônoma. Surgem sinais que tornam possível a verificação da superação do estágio anterior, dentro e fora da escola. A partir desta fase a criança começa a libertar-se da obediência cega, iniciam-se os questionamentos, o colocar-se no lugar do outro, se ver na perspectiva do outro. “Do ponto de vista da compreensão das regras e de seu equacionamento, a criança passa a poder julgar a partir de princípios e, assim, libera-se da obediência estrita às regras” (LA TAILLE, 2006, p. 98).

Esta fase não é estipulada por maturação, desenvolvimento biológico ou idade cronológica, mas sim pelo desenvolvimento que se obtém com a relação com a sociedade, isto é, interação com o outro (SILVA, 2009). Nesta fase, os valores de igualdade, justiça, respeito tem soberana importância. Assim sendo, esta criança ao se tornar um sujeito autônomo poderá agir sobre o seu contexto, seja escolar, familiar, entre outros. De acordo com Carvalho (2011, p. 29) “A autonomia do sujeito se faz presente quando este constrói a capacidade de discernir as diferenças entre os valores individuais e valores morais”.

A criança, que lá dentro da escola se torna o aluno, deve agir de

forma a superar aquela obediência cega e o respeito unilateral. Como sujeito autônomo agora ele questiona, opina, coopera, age de acordo com o respeito mútuo. Portanto, o aluno de agora transcendeu o egocentrismo.

É importante não confundir autonomia com individualismo ou liberdade para fazer o que bem entende, pois na autonomia é preciso coordenar os diferentes fatores relevantes para decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos, levando em consideração ao tomar decisões o princípio da equidade, ou seja, as diferenças, os direitos, os sentimentos, as perspectivas de si e as dos outros (VINHA;TOGNETTA, 2008, p. 11240).

Neste estágio, a reflexão se faz muito presente, pois o aluno toma suas decisões após analisar a perspectiva do outro, levando em conta a igualdade e a justiça, sendo solidário se necessário. Com isso, o professor, tem o dever de auxiliar seus alunos na busca por esta autonomia, compreendendo que eles devem respeitar não somente ele, mas também seus pares, assim tornando o ambiente escolar um local de relações sociais de respeito mútuo.

Se tratando do dever já citado na fase heterônoma, em relação a consciência, verifica-se uma diferença desse mesmo sentimento no estágio autônomo. “Enquanto na moral heterônoma, os deveres têm maior importância que os direitos, na moral autônoma, deveres e direitos complementam-se e se equilibram” (LA TAILLE, 2006, p. 98).

Sendo assim, na autonomia, a criança considera os valores morais em suas ações, o respeito mútuo, a igualdade, a cooperação, a solidariedade, entre outros, a fim de promover um ambiente social de qualidade, seja com seus pares ou com os adultos. Ainda nesta fase, é crível observar o desenvolvimento moral através do conflito cognitivo que o aluno é posto constantemente por seu professor. Conflito este entendido pelo cíclico desequilíbrio/equilíbrio/desequilíbrio. É deste favorecimento que falamos ao dizer que o docente deve promover para desenvolver a autonomia de seu aluno. “A autonomia é a auto-regulagem moral e intelectual” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 40). Ponderaremos mais, no capítulo a seguir, sobre este processo que deve se tornar familiar ao aluno que atingir o estágio moral final.

3.3 A MORAL NA ESCOLA E DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

É possível dizer que a escola, espaço institucionalizado, é um local onde é aceitável se tratar de moral por ser um ambiente social, onde há relações entre sujeitos da mesma faixa etária, se tornando, portanto, um ambiente sócio-moral, que de acordo com De Vries e Zan (1998),

[...] é toda a rede de relações interpessoais que forma a experiência da criança na escola. Esta rede pode ser imaginada como sendo formada de duas partes principais: a relação professor-aluno e a relação das crianças com seus colegas. Embora o professor e a criança possam trazer outros relacionamentos para o ambiente sócio-moral da sala de aulas (a família, a relação professor-diretor, etc.) [...] (p. 31).

Deste modo, reconhecemos a escola tanto como um ambiente de formação acadêmica e social, quanto moral. É ainda, um local onde a comunidade participa ativamente das decisões, discussões, reuniões, a fim de tornar este um lugar de construção coletiva, de troca de experiências e relatos, tornando a escola um local aberto a comunidade externa.

Segundo Carvalho (2011, p. 31) “A formação moral da criança não se dá apenas na escola, partindo da proposição de que ela teve toda uma convivência com o meio, sendo anterior a escola ou durante o período desta”. Por este motivo, a escola se soma ao contexto familiar para uma formação humanizada completa das crianças, com valores, com princípios, com ética e com conhecimento científico.

Não existe na escola uma disciplina voltada somente ao ensino da educação moral, mas esta já existiu em meados das décadas de 30 e 60 (CAMINO; PAZ; LUNA, 2009). Sendo assim, esta educação deve estar implícita na ação dos docentes de todas as disciplinas existentes na escola, podendo hoje ser inserida por meio dos Temas Transversais. Estas ações são intencionais e carregadas de ensinamentos, às vezes velados, às vezes não, ou seja, o professor ele é modelo para seu aluno a todo o momento, seja numa fala dentro da sala de aula, no portão antes de entrar no ambiente escolar ou ainda em um encontro informal em um clube da cidade. Deste modo, o professor deve ter seus valores muito bem formados e saber que a utilização dos mesmos deve se dar a fim de promover a justiça, a igualdade, o respeito mútuo, entre outros que favoreçam o bem estar e a qualidade do contexto em que ele encontra-se inserido.

Por este motivo, a escola se torna um ambiente insubstituível para a criança. “[...] cabe à escola empenhar-se na formação moral de seus alunos” (BRASIL 2000, p. 73). É nela que o aluno irá conviver com o diferente, com o plural, com a inquietação, com o valor que o seu colega transferido de outra cultura irá trazer. Aprenderá que regras podem ser contestadas e até negociadas, quando seu estágio heterônomo for superado.

Os Temas Transversais, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), são um conjunto de temas propostos que tratam Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual, Trabalho e Consumo (CAMINO; PAZ; LUNA, 2009). Estes temas não serão conteúdos formais de aula, isto é, eles irão “pairar” pela aula, podendo ocorrer à discussão dos mesmos a qualquer momento oportuno durante o decorrer da aula. Seja em um conteúdo do futsal, em que é possível verificar uma “competição” de quem usa as chuteiras mais caras, em que o professor pode tratar o consumismo. Seja em um conteúdo de equilíbrio estático, em que o aluno com sobrepeso encontre problemas para se equilibrar sobre um pé só e vire chacota dos colegas, em que existe a possibilidade do professor tratar sobre a violência, que pode ser em forma de *bullying*, ou ainda abordar a diversidade.

No caso em específico deste estudo que aborda o professor de Educação Física, este deve transcender, portanto, ele deve ensinar o voleibol e seus fundamentos, mas também, dentro deste conteúdo, ensinar e promover a cooperação, o respeito, a justiça, entre outros valores morais. Ele deve ensinar jogos, mas ainda ensinar que a violência em um empurrão ou o respeito mútuo que deve haver entre adversários naquele determinado momento, reforçando que no restante da aula ou fora daquele momento todos são colegas de turma.

Durante suas aulas, este professor deve promover um ambiente de cooperação, mas isto não significa ensinar um “pega-pega corrente” simplesmente, em que os pegadores devem se ajudar para obter a mesma finalidade, mas sim favorecer a reflexão, pensar em regras possíveis, o colocar-se no lugar do outro, não sofrendo coação por parte do adulto, representado no momento de aula pelo docente. Havendo, portanto, uma relação horizontal e não vertical (CARVALHO, 2011), possibilitando um ambiente de relações constantes e significativas. “O professor construtivista tenta cooperar com as crianças e encoraja a cooperação entre elas próprias” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 79).

O ambiente cooperativo se torna possível nas aulas de Educação Física, pois nestas é facilmente observado o extravasar dos sentimentos das crianças. Isto é, os sentimentos nestas aulas se fazem muito intensos em suas particularidades, fazendo-se presentes nas ações e reflexões dos alunos. Deste modo, as crianças se encontram de corpo inteiro durante estas.

A ação da cooperação necessita de uma descentralização por parte do aluno, um afastamento do individualismo, assim, atividades de cooperação enquanto o aluno se encontrar no estágio heterônimo e ser ainda egocêntrico, facilitarão a superação e alcance do estágio moral seguinte, a autonomia. Porém, somente professores preparados, no sentido da formação, conduzirão suas aulas a fim de promover momentos de interação, levando seus alunos a atitudes autônomas dentro e fora das aulas.

Pensando as aulas de Educação Física, em momentos onde são prováveis e constantes as situações de conflitos, justamente pelo fato desse transbordar de sentimentos e pelo atrito corporal recorrente, pensando ainda em um professor que proporciona estes conflitos, mas não os físicos e sim cognitivos, pois o desequilíbrio cognitivo é um conflito que o aluno deve vivenciar. O professor não deve negar os conflitos, ou evitá-los, mas sim lidar com eles de forma a levar seus alunos a uma resolução dos mesmos de forma cooperativa, justa e emancipada. Entretanto, um docente que nega os conflitos ou delega a resolução destes a outras pessoas (pais de alunos, diretoria), não assume a postura de um professor construtivista ou formador.

Os conflitos devem ser resolvidos ali, naquele mesmo momento de aula, em que os alunos serão questionados e direcionados a possíveis soluções que envolvam valores morais já mencionados no capítulo anterior. Como afirma De Vries e Zan (1998, p. 64), “o valor da interação com colegas depende não apenas das capacidades das crianças para engajarem-se umas às outras, mas também da capacidade do professor para engajar-se ocasionalmente como um companheiro de seus alunos”. Os alunos devem considerar o respeito mútuo, a justiça, a igualdade, tornando estas soluções familiares a eles, para que não ocorram choques ao se depararem com situações conflituosas fora do âmbito escolar, levando a resoluções egocêntricas e injustas.

São nestes momentos de aula que o docente é ainda um mediador, auxiliando seus alunos a desenvolver diálogos que busquem por resoluções

construtivas, a descentrar-se, se colocando no lugar do outro e a refletir sobre choques de opiniões e sentimentos, levando em consideração a justiça e o respeito.

O ambiente social, deve se somar ao escolar para que as crianças se tornem pessoas autônomas, na busca por uma sociedade apoiada nos valores morais. Porém, muitas vezes isso não ocorre, tornando a tarefa do docente penosa, mas isso não deve se tornar um fardo para o professor, transferindo sua ação para outras pessoas, muito menos abrindo mão de sua função de educador.

[...] nesta educação, regras, valores e princípios que norteiem o como viver numa sociedade justa e harmoniosa, sejam explicitados, examinados e reconstruídos, mesmo que a sociedade atual não seja, muitas vezes, um espelho para tal construção. Além disso, todos concordam que essa educação se dê por meios baseados no diálogo, na participação, no respeito, enfim, procedimentos e estratégias que se coadunem com a construção de indivíduos autônomos (MENIN; ZECHI, 2013, p. 1).

É claro que as aulas de Educação Física, além de ensinar sobre os valores morais, os professores também ensinarão os conteúdos específicos, de maneira contextualizada para que seus alunos saiam das aulas diferentes do que entraram. Diferentes no sentido de que aprenderam algo novo, algo significativo, que eles irão utilizar em determinado momento da vida, seja em uma caminhada no parque, seja em um jogo de amarelinha. O aluno deve ter gosto em socializar, partilhar com seus colegas, em aprender durante a aula. O aluno precisa sair da aula com expectativas para a próxima, com mais inquietações e mais vontade de descobrir o novo. “É preciso, por exemplo, que o aluno sinta que há alguma coisa a aprender. Não se pode enganá-lo muito tempo com situações que não ocasionem nenhuma aprendizagem verdadeira”, afirma Hadji (2001, p. 145).

Atitudes autônomas devem ser adotadas através da tomada de consciência, se não elas se tornam decisões impostas, podendo ser coagidas, por um professor despreparado ou pela figura de um colega opressor. Esta ação também somente irá ocorrer em um ambiente que o favoreça. Desta forma, o meio irá influir na formação de alunos autônomos ou alunos heterônomos.

O educador que tem por objetivo formar pessoas autônomas deve ficar atento e refletir sobre o ambiente promovido em sua prática pedagógica, e na escola toda, visto que as ações vividas pelas crianças, sejam em ambientes educativos cooperativos ou coercitivos, exercerão influências em seu desenvolvimento moral (SILVA, 2009, p. 29).

A reflexão levada pelo desequilíbrio propiciado através da ação docente em um determinado momento de aula ou pelo diálogo entre pares no decorrer desta, auxiliará o aluno a desenvolver esta tomada de consciência.

A tomada de consciência não provém de uma vontade inata ou espontânea do sujeito, mas decorre das solicitações do meio social que está inserido, em um processo de pensar, agir e reconhecer a ação e o pensamento, compreendendo o porquê e para quê. Portanto, a qualidade das interações e as intervenções solicitadas do meio são essenciais para uma ação reflexiva, a qual é dotada de novos elementos que emergem com a tomada de consciência (SILVA, 2009, p. 25).

É necessário assinalar que a ação docente faz diferença na promoção de uma aula dotada de sentido e significado para o aluno, na qual reflexão, tomada de consciência e ações morais valorizem um ambiente justo, igualitário e de qualidade. Portanto, mais uma vez apontamos a necessidade da qualificação docente, a fim de suas ações intencionais buscarem a aprendizagem de uma forma uniforme de seus alunos, no ponto de vista de que todos saiam dali com aprendizagens significativas e transformadoras.

3.4 CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A terminologia representação social foi cunhada por Moscovici, em 1961. Depois disso, se principiaram outras pesquisas com Jodelet, Abric, Doise, entre outros. Assim, estudos sobre esta temática são desenvolvidos até a atualidade e temos estudiosos como Menin e Sá que contribuem constantemente com esta temática.

“As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (MOSCOVICI, 1978, p. 41). Deste modo, os indivíduos expõem em seu imaginário representações, é este que possui uma carga simbólica que se tornará posteriormente em sentido.

As representações são entendidas como saber de senso comum, as quais são formadas através da interação do homem com o mundo (ALMEIDA, 2005). “É o saber que rege o cotidiano, que define regras, normas, símbolos, valores. É um saber organizado, cuja coerência garante ao homem uma explicação de mundo, de si e dos outros” (MADEIRA, 1997, p. 13). “[...] quanto às condições de produção e circulação das representações sociais identificam-se três conjuntos, designados pelos rótulos genéricos de ‘cultura’, ‘linguagem e comunicação’ e ‘sociedade’”. (SÁ, 1998, p. 32). A princípio elas são formadas e muitas vezes confundidas com opiniões, que podem ser sobre diferentes problemas, símbolos ou fenômenos, para somente mais tarde se tornarem representações sociais. Porém, algumas opiniões não chegarão a se tornar representações. Com isso, o que difere opinião de representação, é que a opinião é mutável ou segundo Moscovici (1978, p. 46) “[...] pouco estável [...]”, já a representação não, esta é estável.

O homem, ser social, que se comunica e se constrói através da linguagem, que ocorre somente a partir da interação, pois sem interação com o outro não existe linguagem, uma expressão especificamente humana, e nem cultura, é passivo de compreensão de si e dos outros (MADEIRA, 1997). Indo ao encontro desta afirmativa, Almeida (2005, p. 41) diz que, “As representações são importantes porque elas nos fornecem os elementos que nos permitem compreender o mundo, gerenciá-lo e mesmo enfrentá-lo”.

As representações sociais permeiam diversas áreas de conhecimento, tais como: psicologia social, enfermagem, ciências sociais e

educação. São elas formas de comunicação interpessoal e de massa que ocorrem dentro de instituições ou nas ruas, sendo pensamentos individuais ou não (SÁ, 1998).

Entendendo, portanto, que as representações são o conjunto de explicações e idéias que nos permite evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto, neste estudo especificamente trataremos a moral como um fenômeno social, histórico e cultural que, se lapidado, torna-se um objeto de pesquisa relevante e pertinente. Sendo ainda, as representações resultado da interação social de um determinado grupo de indivíduos, aqui trataremos, em especial do grupo de professores de Educação Física que atua dentro da instituição escolar. Deste modo, o professor é o ator social da representação social que será investigada. “O termo representações sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos” (SÁ, 1996, p. 29). Portanto, a conceituação das representações não é patrimônio de uma área de conhecimento em específico, uma vez que esta permeia diversas áreas. Para Jodelet (1993 apud Carbone e Menin, 2004) a conceituação de representação social refere-se a,

[...] uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto terão uma incidência sobre o que ela é.

A representação social está com seu objeto numa relação de “simbolização”, ela toma seu lugar e de “interpretação”, ela lhe confere significações. Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma “construção” e uma “expressão do sujeito”. Esta atividade pode remeter seja aos processos cognitivos – o sujeito é então considerado de um ponto de vista epistêmico – seja aos mecanismos intrapsíquicos (projeções fantasmáticas, investimentos pulsionais, identitários, motivações, etc.) –; o sujeito é então considerado de um ponto de vista psicológico. Mas a particularidade do estudo das representações sociais é a de integrar na análise desses processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito (p. 257).

A escola, por ser uma instituição, em que há uma interação social e inter grupo, ou seja, os docentes, uma comunicação de massa, uma realidade cotidiana em que se encontra valores morais, esta se torna um local de formação de representação. Sendo assim, possível se estudar e compreender a representação social sobre a moral. “A representação social, tomada como perspectiva de estudo, merece toda a nossa atenção pelas contribuições que traz ao entendimento da formação e consolidação de conceitos socialmente veiculados e mantidos por

professores de Educação Física” (BARBOSA, 2001, p. 70).

Entretanto, para se organizar e estruturar uma representação social, é importante a construção de dois mecanismos, a ancoragem e a objetivação.

3.4.1 Objetivação e Ancoragem

Entendendo a objetivação e a ancoragem como mecanismos do estado estrutural da representação, se tornando deste modo, fundamentais a esta, sendo um “resultado de uma interação entre os dados da experiência e os quadros sociais da sua apreensão, da sua memorização”, como afirma Jodelet (2005, p. 48). A autora ainda explica, “os processos constitutivos, a objetivação e a ancoragem, têm relação com a formação e o funcionamento da representação social, que eles explicam a partir de suas condições de emergência e de circulação, que são as interações e as comunicações sociais” (ibid. p. 47).

Em relação a objetivação, esta “busca tornar real, concreto, através de imagens, um esquema conceptual”, de acordo com Viana (2008, p. 49). Indo ao encontro e acrescentando, encontramos em Jodelet (2005),

A objetivação explica a representação como construção seletiva, esquematização estruturante, naturalização, isto é, como conjunto cognitivo que retém, entre as informações do mundo exterior, um número limitado de elementos ligados por relações, que fazem dele uma estrutura que organiza o campo de representação e recebe um status de realidade objetiva (p. 48).

Portanto, a objetivação é a transformação de um conceito abstrato em algo concreto. Moscovici (1978, p. 111), diz que “objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as [...]. É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo”.

Em se tratando do outro processo da estruturação da representação, a ancoragem “[...] transforma algo desconhecido e perturbador em algo conhecido, através da comparação com categorias já conhecidas. O objeto novo é reajustado para que se enquadre na categoria conhecida adquirindo características dessa categoria” (ALMEIDA, 2005, p. 32).

Para Jodelet (2005),

A ancoragem, como enraizamento no sistema de pensamento, atribuição de sentido, instrumentalização do saber, explica a maneira pela qual informações novas são integradas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente estabelecidos e na rede de significações socialmente disponíveis para interpretar o real, e depois são nela reincorporadas, na qualidade de categorias que servem de guia de compreensão e de ação (p. 48).

Logo, os autores citados acima, acabam por se complementar

quando conceituam a ancoragem. Assim, a ancoragem transforma o não familiar em algo familiar ao ator social (FARR, 1995).

Portanto, objetivação e ancoragem são o tornar algo abstrato, que está no imaginário do indivíduo, em concreto e transformar o desconhecido em conhecido, tornando-se algo familiar ao ator social, respectivamente, entendendo que uma concepção depende da outra na qual irá imergir as representações sociais de um grupo social.

3.4.2 Representação Social e seus Representantes

Os principais pensadores do campo da teoria das representações sociais são: Serge Moscovici, Denise Jodelet, Willem Doise e Jean-Claude Abric. No entanto, a terminologia representação social foi proposta originalmente por Serge Moscovici, na França. Ela foi mencionada por Moscovici em seu estudo sobre a representação social da psicanálise, *Psychanalyse: son image et son public* (1961). Inspirado por Émile Durkheim e sua teoria da representação coletiva, proposta ainda no século XVIII, Moscovici (1978) aponta que,

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são e que nos tornam comuns. Encarada de modo passivo, ela é compreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um projeto, de um feixe de ideias que lhe são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante; a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem. É nesse sentido que nos referimos, frequentemente, a representação (imagem) do espaço, da cidade, da mulher, da criança, da ciência, do cientista, e assim por diante (p. 25).

Jodelet não se afasta da corrente de Moscovici e escreve ao final da década de 80 sobre a representação social da loucura. A autora concebe a representação social como,

É forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outra, do conhecimento científico [...] a sua importância na vida social é a elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001, p. 22).

Por fim, observa-se Doise, que liderou uma corrente teórica em Genebra, articulada com uma perspectiva sociológica e que se refere a proposta criada por Moscovici como a “grande teoria” (SÁ, 1996). Abric, que parte de uma perspectiva estrutural, foi quem propôs pela primeira vez a teoria do núcleo central, mais estudada e abordada pelo autor Celso Pereira de Sá.

Os autores citados acima, tratam a teoria da representação social fora da área da educação. Porém, outros autores aproximaram a teorização inicial

da área da educação, sendo possível assim uma relação entre a conceituação das representações e a educação, para que se possa compreender os processos de construção do conhecimento dos grupos existentes no âmbito escolar.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Apresentaremos os resultados referentes à como os professores de Educação Física constroem o conceito de moral em suas aulas, identificando as representações sociais instituídas no imaginário destes sobre moral para, a partir da análise de seus discursos, compreender como eles lidam com os conflitos em suas aulas.

Foram atores sociais participantes deste estudo seis professores de Educação Física da rede pública da cidade de Londrina-PR, sendo três homens e três mulheres.

A análise dos discursos dos atores sociais entrevistados buscou desvelar os sentidos que estes atribuem à temática da moral. O primeiro recorte se propõe a analisar as formações discursivas relacionadas propriamente ao conceito de moral. Observamos nos discursos que os professores identificam seu entendimento sobre este tema basicamente com o respeito aprendido em casa, remetendo às questões associadas a valores e comportamentos. Isso fica evidenciado nas falas abaixo:

ATORA SOCIAL 1: *“A moral, bom, primeiro que a moral a, a criança adquire, ela traz através dos exemplos né, começa em casa, com o exemplo que pai e mãe dão e depois quando ela cai na sociedade [...]”*.

ATOR SOCIAL 3: *“É, moral seria a gente te uma convivência com as pessoas né, de modo geral, educação, sabe respeita a, as indiferenças”*.

ATOR SOCIAL 4: *“Moral pra mim é o que a pessoa é adquire no, no dia a dia né, com os pais, por exemplo, é quando o pai é ensina pro filho, [...] pra mim é, são as, bons condutos do cidadão”*.

ATORA SOCIAL 5: *“A moral eu acho que é a falta de valores eu acho, e princípios, porque isso você aprende dentro de casa ou num aprende [...]”*.

ATOR SOCIAL 6: *“Moral, acho que é respeita o outro né”*.

Podemos observar nos discursos acima, que os atores sociais se preocupam em expor que, o respeito pelo outro é o primordial em seu entendimento sobre o que é moral, como o demonstrado pelos atores sociais 3 e 6. No entanto, este valor deve ser aprendido pelo filho, sendo assim ensinado por seus pais no

ambiente familiar, como observamos nos discursos dos atores sociais 1, 4 e 5. Portanto, percebemos nos discursos que, se tratando da construção dos valores morais, estes adquiridos no seu dia a dia com a convivência com o outro, não estando prontos e acabados ao seu nascimento. Conforme Piaget (1994, p. 265), “[...] a criança, por si própria, não está de posse dos elementos da moralidade, e convém, portanto, ‘instruir sua natureza’”.

Faz-se presente ainda, o discurso evidenciado pela atora social 1, de que o comportamento do aluno é reflexo do aprendizado que ocorreu em seu lar, portanto o professor irá dar continuidade ao trabalho iniciado em casa, pelos pais.

Assim como todos os conhecimentos a moral, a ética e a cidadania também precisam ser construídas e assimiladas por cada sujeito e isso se dá necessariamente pela ação e relação travada com o meio. As crianças não nascem com os conceitos morais prontos. A aprendizagem desses implica processos individuais de elaboração e reelaboração ao longo de toda a existência, de forma ativa. Cada pessoa tem oportunidades diferenciadas e únicas de experimentar conteúdos relacionados a esses aspectos e de construir noções como a de justiça, igualdade, democracia e respeito mútuo (SILVA, 2009, p. 24).

Deste modo, identificamos nos discursos dos atores sociais que a criança ao experimentar as oportunidades de aprendizagem em casa e na escola, a ela é proporcionada uma somatória de possíveis construções e complementando o que os professores mencionaram, a moral não está relacionado somente ao valor de respeito, mas também o de igualdade, o de justiça, entre outros mais, como foi possível observarmos logo acima pela autora Silva.

Entre os atores sociais entrevistados, uma em especial demonstrou pensar diferentemente dos outros atores. Esta demonstrou uma maior compreensão sobre a temática aqui estudada e, adiante, verificaremos como este olhar diferenciado norteia sua prática docente.

Ainda sobre a conceituação da moral, destacamos o seguinte discurso:

ATORA SOCIAL 2: *“São valores, daí tá relacionado com as atitudes do aluno, com o comportamento, aí o que que eu entendo de ética [...] E aí você [titubeou], faz a relação da ética, tanto de comportamento deles na, na prática, como na questão, nas questões sociais”.*

Apesar de não ter descrito a quais valores ela se reporta, compreendemos que seu entendimento sobre a moral é mais aprofundado do que o

dos demais, até mesmo pelo fato dela ter feito a relação com a ética, a qual se faz muito presente na disciplina de Educação Física. Nesta disciplina, em específico, deve haver uma formação de personalidades éticas, pois ética engloba a moral e se articulam, conforme La Taille (2006) exemplifica: a uma ação em um jogo de futsal ou a uma reflexão sobre a possibilidade do uso ou não de anabolizantes para seu favorecimento durante uma competição escolar ou não, entre outras situações de jogo. Possibilitando a esse aluno a apreensão de importantes elementos à produção de um julgamento mais estruturado, quiçá, mais ético em suas condutas pessoal e profissional. De acordo com De Vries e Zan (1998),

A participação em jogos com regras contribui para o desenvolvimento cognitivo e sócio-moral das crianças. Para participarem em um jogo com regras, as crianças devem cooperar, concordando sobre as regras e aceitando as suas consequências. Quando uma regra é infringida ou ocorrem discordâncias, as crianças têm uma oportunidade para negociar e descobrir como continuar o jogo. Os jogos são um excelente contexto para pensar em temas de igualdade de direitos, ou o início de ideias sobre justiça (p. 313).

Ainda, no discurso da atora social 2, é possível verificarmos sua preocupação com as atitudes que envolvem seu aluno dentro e fora da escola, em “questões sociais”, já que o mesmo ser que ali na escola tem o papel de aluno, fora dela é o ser social, o cidadão, que pensa e age a todo momento.

Neste sentido, “[...] opções éticas e valorativas tornam-se necessárias dada a possibilidade e condição de comunicação e cooperação do ser humano convivendo com os outros” (SILVA, 2009, p. 103). Pois, dentro e fora da escola, o aluno se depara com o coletivo, com a pluralidade e seu comportamento nestes ambientes deve ser coerente, beneficiando igualmente a todos, tornando aquele local agradável e harmonioso.

Os recortes a seguir, dizem respeito a como os professores lidam com o conflito em suas aulas:

ATORA SOCIAL 1: *“Entre eles as vezes eles discordam, se exaltam, mas a gente tá aqui pra interferi... [...] Mas, nada que eles saiam se pegando, se agredindo fisicamente ou verbalmente, não. [...] Sim, as vezes até paro aula e converso com eles e falo bastante, explico algumas coisas, sobre a moral, sobre, sobre as formas de educação que existem hoje, a educação que eles trazem de casa né, tudo isso a gente conversa, não é com frequência [...]”*

ATORA SOCIAL 2: *“[...] surge as vezes algum conflito mas é, eles mesmo vão resolvendo, cê tem que intervi muito pouco [...] Briga, num tem”*

ATOR SOCIAL 3: “[...] não tem problema de relacionamento né, que seria a moral, a questão de desavenças [...] Conflito muito pouco, muito pouco, é uma coisa ali, outra, as vezes eles trazem isso das outras aulas ou de fora [...] Briga não”.

ATOR SOCIAL 4: “Aqui eu não vivenciei isso aí, briga. [...] Aí eu faço a intervenção e peço pra que isso não aconteça novamente. [...] Isso, sempre com exemplos. [...] Da minha formação né, [titubeou] meus pais, avós”.

ATORA SOCIAL 5: “Não, não, não, mas a gente vê assim a violência assim as vezes oral né, oral ou desacato né, [...] mas, eu sempre converso com meu aluno [...] que você vai ter que tentar intermediar essa, essa situação. [...] mas a gente tem que fazê o nosso papel como educador né [...]”.

ATOR SOCIAL 6: “[...] Não, briga não. [...] Não, discussão não. [...] Não, num tenho. [...] A gente tenta, a gente tenta faze ele respeita o próximo né, pra pode se respeitado né, pra não desrespeita, mas tá bem difícil viu. [...] A gente tenta explica à ele [...] agora eles tão com o negócio de celular [...] a gente vai fala eles ficam com raiva... [...] A gente conversa, conversa...”.

É possível verificar nas falas, que de modo geral, todos os atores sociais entrevistados têm a mesma ação ao se deparar com o conflito em suas aulas, isto é, eles acabam intervindo para que aquilo não aconteça mais, conversando e pedindo a seus alunos. Ainda, todos os atores mencionam que a brigas e discussões mais sérias, agressões físicas de fato, não ocorrem.

A atora social 5 expõe a ocorrência de desacato por parte de seus alunos, este é considerado como desrespeito à figura do professor. Esta atora ainda fala o seu papel, o papel do educador, porém ela deve realizar intervenções buscando a reflexão de seus alunos a cerca do conflito ocorrido. Nestas intervenções, que podem ocorrer através de conversas, ela não deve simplesmente intermediar o conflito com intenção de que aquele conflito se resolva ali e se possível que este não ocorra mais, compreendendo que conflitos são ruins. Uma vez que a maioria dos professores deseja que sua aula corra na mais tranquila paz, sem problemas, sem brigas, sem conflitos. Porém, compreendemos que os conflitos têm muito a acrescentar no desenvolvimento dos alunos, entre estes se descobrirem na sociedade, na interação com o outro. “O conflito interpessoal pode oferecer o contexto no qual as crianças tornam-se conscientes de que outros têm sentimentos, ideias e desejos” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 90). Os professores não devem buscar resoluções que os mesmos resolvam tudo e imediatamente pelo aluno, ou seja, o aluno não tem nem a oportunidade de se pronunciar sobre o fato, muitas vezes sem

se quer a oportunidade de uma reflexão sobre aquele episódio. Outra forma muito utilizada pelos professores para resolução de conflitos é delegar esta a terceiros, isto é, encaminhar os alunos responsáveis pelo “problema” para a sala da coordenação/direção ou demais autoridades, tais como os pais ou responsáveis por aquelas crianças, para que eles resolvam o problema. Outro equívoco que pode ocorrer por parte do professor, é este resolver o conflito de forma parcial, desta forma, algum ou alguns dos envolvidos naquele conflito poderá sair insatisfeito, pois o resultado pode não ser justo para as partes envolvidas.

Nesses momentos de choques de opiniões, intenções e sentimentos, a contribuição do professor para propor formas de resolução de conflitos, que visem promover a construção de elementos pessoais importantes para resolver os mesmos, é elemento imprescindível na educação moral (SILVA, 2009, p. 58).

Sendo assim, o professor deve agir de forma intencional, promovendo em seus alunos o senso de justiça, respeito mútuo, igualdade, que são valores morais que devem estar presentes em suas aulas, para que deste modo o aluno comece a resolver seus conflitos interpessoais sozinho, buscando formas justas de resolvê-los.

É necessário que os professores entendam o conflito como algo próprio das relações humanas e que em suas aulas deve ser encarado como oportunidade à promoção da reflexão individual ou coletiva, na busca por resoluções equânimes do problema. Todo esse processo é indispensável para que o aluno se desenvolva, tornando-se um ser humano que busca a autonomia, independente de uma figura adulta que resolva, pense e aja por ele, dentro ou fora da escola. A atora social 2 foi a única entrevistada que mencionou sobre esta possibilidade de seus alunos estarem resolvendo seus conflitos por conta própria, mas não relatou em seu discurso como que seus alunos procedem.

Vinha (2000), vem nos falar sobre a necessidade de haver conflitos nas aulas,

As discussões ou conflitos são concebidos como positivos e necessários, mesmo que desgastantes, pois estará havendo a troca de pontos de vista, só possível pela interação social. As ausências de conflitos refletem relações de respeito unilateral [...] (p. 350).

Portanto, a aula de Educação Física, deve ser uma aula em que o conflito se torne produtivo para os alunos, uma vez que o professor consiga lidar

com este, ainda, tornando-se algo que faça parte do processo de ensino e desenvolvimento, pois o respeito unilateral não interessa quando pensamos em uma Educação Física com respeito bilateral e que busca tornar seus alunos cidadãos de uma sociedade mais justa e igualitária.

É necessário que o professor fomente em seus alunos valores de cooperação e reciprocidade, para que os alunos colaborem entre si e se tornem colegas, buscando sempre soluções justas para seus conflitos em um ambiente de interação social valorizado por ele (VINHA, 2000).

Por fim, no discurso do ator social 6, verificamos a queixa explícita pelo uso de aparelhos celulares nas aulas de Educação Física e a reação negativa de seus alunos quanto a isso. O uso deste aparelho está se tornando algo banal, desenfreado, sem limites, por parte dos alunos. Durante as entrevistas foi recorrente a queixa por parte dos entrevistados sobre o uso inadequado de celulares pelos alunos, chegando a atrapalhar o andamento da aula e causando um mal estar entre professores e alunos. Numa sociedade globalizada, fica realmente difícil encontrarmos pessoas que não possuam em suas mãos um celular, muitos com acesso a internet, porém o uso do mesmo deve ser repensado e minimizado no ambiente escolar. Em conversa com os professores, eles chegam a relatar em forma de desabafo, que as escolas ou seus órgãos superiores em ação conjunta com os pais, devem tomar, e logo, alguma atitude drástica quanto ao uso de celulares no âmbito escolar, quão caótica é a situação atual que os funcionários de forma geral, encontram nos dias de hoje.

Em relação a como ocorre o ensino da moral nas aulas de Educação Física, todos os atores falaram que ensinam moral para seus alunos, com exceção de um, o ator social 6.

ATOR SOCIAL 6: “Não, de conteúdo não, porque, a gente trabalha essa parte de conteúdo não... [...] Essa parte o professor de, de ensino religioso que tem, o professor de ensino religioso sabe, eles trabalham, mas a gente não, da Educação Física num, eu acho que ninguém trabalha, essa parte de, de moral [...] Que eles não gostam muito assim, se cê vai passa um filme sobre, assim de, pra respeito num sei o que, então é [sic] eles acha que Educação Física esse negócio de. [...] Eles querem, acham que é só na quadra, que a gente, eu trabalho as vezes com as, um trabalho [titubeou] assim, conteúdo de, da moralidade né, aí eles ficam meio chateado, que querem fica na quadra então”.

O ator social 6 entende que não faz parte de sua função como professor da disciplina de Educação Física ensinar o conteúdo da moral. Verificamos

em seu discurso que ele delega essa função a outro professor, como sendo de propriedade de sua disciplina. Ainda, ele imagina que seus colegas também agem como ele. Desta forma, ele nega essa função a ele como educador e nega esse conhecimento a seus alunos, recusando-se a ensinar. Silva (2009, p. 108) diz que, “Considerando que o professor de Educação Física também é professor de moral e ética, ainda que ignore esse fato, torna-se indispensável o reconhecimento de que a aprendizagem de normas e valores ocorre na ação, ou seja, no dia-a-dia”. Indo ao encontro da autora, Palma *et al.* (2010, p. 193) expõe que, “[...] podemos considerar que todo professor é também professor ‘de moral’”. Sendo assim, o ator social 6, não reconhece sua aula como espaço para a formação moral, por não compreender qual seria o seu papel neste contexto ou, simplesmente, por ceder à pressão externa de que à Educação Física cabe apenas promover atividades práticas na quadra, mas a aula de Educação Física é sim um local totalmente possível e passível de se ensinar e vivenciar valores morais.

Através da fala do ator 6, ainda examinamos que ele evita dar aulas na sala para não contrariar e desagradar seus alunos que se mostram contrários à aula que ocorre em quatro paredes, com carteiras e quadro de giz. Não que a quadra não seja uma sala de aula numa proporção maior que as salas de aula de quatro paredes, mas é que este ator social mais uma vez nega a seus alunos vivências diferenciadas das que eles encontram na quadra, uma vez na quadra ele não pode aproveitar os recursos disponíveis das quatro paredes, no caso mencionado pelo mesmo, à televisão. Tal atitude aponta que o professor ainda não conseguiu romper com a concepção estereotipada de que a aula de Educação Física é apenas para praticar/realizar atividades físicas ou ações motoras de modo geral, o famoso “fazer por fazer” na quadra. Caberia ao professor explicar aos alunos porque a aula em sala é necessária e qual a relação da moral com as situações vivenciadas pelos alunos nas aulas.

Em seguida temos os discursos dos atores que ensinam a moral, mas não como conteúdo de suas aulas:

ATORA SOCIAL 1: *“Trabalho, através das atividades física que nós fazemos, através das regras que são colocadas e algumas vezes é, até mesmo entre eles, eles discutem as regras que eles acham que convém pro jogo ou não e dentro disso então eu interfiro e argumento, ‘ó essa regra dá por isso, por isso e por isso ou essa regra não dá por isso e por aquilo’”.*

ATOR SOCIAL 3: *“É, de certa forma procuro passa o meu jeito pra eles, pra eles tá entendendo que é a forma que eu vou trabalha que, que eu espero de respeito deles né, na maioria tem, consigo, eu não faço uma, uma, não do a aula de moral né, que a gente teve na faculdade, mas é o que eu passo pra eles, respeito né [...] nessa forma eu trabalho com eles, nas aulas né”.*

ATOR SOCIAL 4: *“Como conteúdo não, mas como exemplos, quando né, acontece alguma coisa errada eu paro, [titubeou] eu paro e tenho a oportunidade de fala sobre isso, o que é certo e o que é errado, aí eu, eu faço a intervenção, por exemplo, se o amigo [titubeou] é fazer bullying com o outro né...”.*

Os atores sociais 1, 3 e 4, ensinam os valores morais no decorrer de suas aulas, porém somente quando ocorre algum episódio que necessite a intervenção deles. No caso da atora social 1, ela começa a sua fala de uma forma que concordamos que deva fazer parte da ação docente, pois os alunos tem a oportunidade de discutir as regras entre eles. Todavia, a última palavra é a da professora, expressando assim a sua autoridade como adulto naquele ambiente. Como já foi dito anteriormente, o professor deve deixar seus alunos chegarem a um acordo entre eles mesmos, somente orientando e se posicionando de forma cooperativa na ação, não de forma autoritária, minando qualquer oportunidade de aprendizagem e construção por parte de seus alunos.

O ator social 3, remete sua fala a uma ação em que ele e suas atitudes servem de exemplo para seus alunos, sobre isso Palma *et al.* (2010) dizem que,

[...] ao interagir com os alunos, os professores emitem seus conceitos sobre o que é certo ou errado, justo e bom, adequado ou inadequado, disciplina e indisciplina. E sua forma de exigir “determinados comportamentos” em aula também revelam suas opções, escolhas que se constroem em conjunto com o contexto sociocultural em que está inserido. Dessa maneira, não se ensina moral de forma direta, como conteúdo explícito da aula, embora haja momentos específicos nos quais o professor tenciona usar temas morais como conteúdo explícito em sua aula (p. 193).

Portanto, a ação deste ator é pertinente, mas ele deve discutir com seus alunos os valores morais de forma clara e direta, para facilitar o entendimento por parte de seus alunos, para que desta forma eles compreendam com clareza o que o professor ensina em suas aulas.

Nos discursos das atoras sociais 2 e 5 encontramos a moral tratada como um conteúdo curricular:

ATORA SOCIAL 2: *“Como conteúdo, [titubeou] vem na, na, na, no planejamento e nas Diretrizes e a gente tem, tem que trabalha isso como Tema Transversal né. [...] eu procuro [sic] e tá sempre trabalhando, por, como [titubeou] surge essas questões de, de discussão, de, da competição, de, de ser o melhor... [...] Então, aí quando surge esse é, conflitos no, no jogo é, e aí a gente trabalha [titubeou] a ética no sentido do, por quê que vencer, ‘vence quem é o melhor? Não é assim né!’ Então passa os vídeos de situações de, de conflitos dos jogos, dos esportes de alto nível [titubeou] e o que é mais comum pra eles assistirem é o futebol né, e a gente traz a discussão pra sala de aula. [...] Trabalho, essa questão do, da ética sim, sempre buscando e, e o difícil é você não emitir juízos de valores né, coloca o seu valor como, como, seria a verdade né, pra eles, [titubeou] faz uma discussão a partir do texto, que a gente tem que tá sempre preparado do que é ética, trabalha o conceito de ética né, e aí vem trazendo para a parte prática deles, o dia a dia, relaciona com o esporte, com a prática da atividade que a gente tá fazendo... [...] Isso que a gente tem que trabalha com eles”.*

ATORA SOCIAL 5: *“Procuro trabalhar, Ahã... [...] A moral eu trabalho acima de, de respeito [...] Conteúdo, teoria, exemplos, chamo a atenção, que eu sou bem rigorosa nessa parte em termos de respeito, de valores, de princípios né, coloca eles sempre para ser um cidadão crítico dentro da sociedade [...] então eles tem que saber cobrar, tem saber ser justo, tem que saber ter esses valores, princípios e principalmente respeito ao próximo, inclusive os jogos que eu faço assim, eu acho que você tem que joga saudavelmente sem te problema nenhum com o próximo, acho que tem que ter educação a tudo, então eu trabalho tanto na prática como na teoria”.*

Entretanto, diferentemente da atora social 5, a atora social 2 aponta em sua fala o documento que dá suporte e embasamento para sua ação docente. Ela se refere às Diretrizes Curriculares do Paraná, documentos oficiais que a partir de 2008 se tornaram o norte, um ponto de partida, para os professores das disciplinas existentes na escola elaborarem suas aulas. Cada componente curricular tem o seu próprio documento, composto, geralmente, por um breve histórico da área, fundamentos teórico-metodológicos, diretrizes curriculares, conteúdos estruturantes, encaminhamentos metodológicos, avaliação e referências bibliográficas.

A atora fala da competição como sendo um episódio existente em suas aulas, do qual ela se utiliza para conversar intencionalmente com seus alunos e expor a eles a ética pertinente a este caso específico. Sobre a valorização exacerbada da competição no ambiente escolar, as Diretrizes da Educação Física apontam,

[...] o esporte é entendido como uma atividade teórico-prática e um fenômeno social que, em suas várias manifestações e abordagens, pode ser uma ferramenta de aprendizado para o lazer, para o

aprimoramento da saúde e para integrar os sujeitos em suas relações sociais.

No entanto, se o profissional de Educação Física negligenciar a reflexão crítica e a didatização desse conteúdo, pode reforçar algumas características como a sobrepujança, a competitividade e o individualismo (PARANÁ, 2008, p. 63).

Logo, se o professor não abordar questões éticas e morais em suas aulas, haverá um reforço de valores como o individualismo, a competitividade, a intolerância, o preconceito, entre outros que vão contra o ambiente escolar justo, democrático e autocrítico que buscamos.

Já no discurso da atora 5 verificamos que ela ensina valores e princípios, como os de justiça e respeito ao longo de suas aulas, sejam elas práticas ou teóricas, de modo a auxiliar o aluno na construção de um pensamento crítico sobre a sociedade na qual está inserido.

Quando indagado aos atores sobre as características de seus alunos, emergiram as seguintes falas:

ATORA SOCIAL 1: *“[...] eles apresentam os problemas deles, as vezes as preguiças, a falta de vontade em participa [...]”.*

ATORA SOCIAL 2: *“[...] dificuldade deles em relacionamento, comportamento né, mudo um pouquinho da, do, dos anos que eu comecei pra cá... [...] mais imaturos, então eles resistem mais em faze as coisa...”.*

ATOR SOCIAL 3: *“[...] de fica um pouco meio parado sabe, essa questão de celular, [...] não que faze muito atividade [...] eles obedecem, se eu pego no pé eles fazem, mas se você deixa um pouquinho lá, dá um pouquinho de brecha, já senta lá e fica, [...] uma coisa que antes, alguns anos atrás, eu percebi que não era assim, eu sei que essa tecnologia trouxe benefícios, mas traz uma coisa também de acomodação né... [...] eles tão um pouco perdendo aquela coisa de, de ter aquela atividade pra, pra prazer né, eles ficam desviando esse foco em outro, outro, no caso aqui o no celular, que é um computador, um mini computador, né”.*

ATOR SOCIAL 4: *“eles são bem agitados né, [...] E eles tem problema com todos os professores...”.*

ATORA SOCIAL 5: *“É, hoje tá meio complicado porque eles são bem sedentários né, não querem faze muito exercício não [...] Ah, eles não são muito receptivos não, por que, porque hoje os meios de comunicação, os celulares atrapalham muito...”.*

ATOR SOCIAL 6: *“São bem difícil... [...] Muito assim, sem aceita disciplina, [...] são individualistas, [...] eles não aceita regras, num querem aceita regras...”.*

Os atores sociais 1, 2, 3 e 5 mencionaram sobre a falta de disposição dos alunos para participar das aulas (preguiça, sedentarismo e a falta de vontade). Observa-se novamente a queixa de um dos atores sociais em relação ao aparelho celular, mas o mesmo não relata qual a sua ação em relação ao assunto. Além disso, analisamos uma comparação feita pelos atores sobre os alunos de anos passados com seus alunos atuais, se estes últimos apresentam algum comportamento diferente daqueles de anos anteriores. O ator social 3 relata que anos atrás encontrava em sala de aula alunos mais dispostos, relacionando a acomodação dos alunos de hoje em dia ao uso dos aparelhos celulares.

Em relação à tecnologia, frequentemente associada aos celulares e aos hábitos cada vez mais sedentários dos alunos, Guedes (1999) aponta que,

[...] entre crianças e adolescentes, percebe-se também o surgimento de novas opções lúdicas, substituindo atividades tradicionais que envolvem algum esforço físico pelas novidades eletrônicas, agravando enormemente este tipo de problema já nas idades mais precoces (p. 4).

Sendo assim, os alunos de hoje em dia, acabam por preferir ficar sentados durante as aulas de Educação Física, jogando ou conversando com seus contatos em seus aparelhos celulares ao invés de participarem ativamente, cooperando, aprendendo e socializando com seus colegas durante as atividades, o que não condiz com uma aula de Educação Física, se tratando do ponto de vista que esta aula é um espaço em que ocorre ensino e aprendizagem e que esta aula é uma aula como a das outras disciplinas existentes na escola, onde os alunos também precisam participar.

O ator social 4 fala, em tom de desabafo, que seus alunos são agitados e problemáticos, pois eles têm problemas com os demais professores, apesar de não ter relato que tipo de problema.

Por fim, o ator social 6 cita que seus alunos são muito individualistas e não se mostram receptivos a regras. Se tratando da característica do individualismo, abordado mais acima nas Diretrizes, esta pode ter sido originada, entre outros motivos, pela falta de atividades que levem esses alunos a desenvolver a cooperação, pois um professor que não proporciona atividades de grupo, que não auxilia seus alunos a refletir e a vivenciar momentos de construção coletiva, ele tencionará seu aluno a se tornar um ser individualista, egoísta, um ser que não

pensa no colega e não consegue se colocar no lugar do outro (CARVALHO, 2011). Em se tratando de negar as regras, o professor deve fazer seus alunos entenderem que elas são necessárias, mas isso não quer dizer que devam ser impostas, isto é, o professor não pode ser arbitrário e impor regras a seus alunos. “Se um professor acredita que determinada regra é importante, ele deve descobrir como apresentá-la à classe de tal modo que as crianças também vejam sua necessidade” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 139). A sala de aula deve se tornar um espaço regrado, uma vez que este se faz necessário para que os alunos ajam sem ferir um ambiente moral, onde impera o respeito mútuo, a cooperação, a gentileza, a segurança, o desenvolvimento, a convivência social e criativa, tanto entre pares quanto entre professores e seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que os objetivos deste trabalho foram verificar como os professores constroem o conceito de moral em suas aulas e, mais especificamente identificar as representações sociais instituídas no imaginário destes professores sobre a moral e compreender por meio de seus discursos, como lidam com os conflitos e dilemas nas aulas, verificamos que os discursos apontam que professores conceituam moral através de opiniões fortes, são pautadas pelas relações travadas no seio familiar – sociedade, e assim, consolidam posicionamentos de cunho religioso e moral imposto pela sociedade, reforçando posicionamentos do o que é certo e/ou errado a partir de suas vivências particulares.

Nas aulas de Educação Física é plausível que o docente promova o ensino da moral em forma de conteúdo, uma vez que os documentos oficiais, as Diretrizes Curriculares Educacionais, dão suporte para seu ensino nestas aulas. Infelizmente, não foi possível verificar o ensino dos valores morais de fato, pelos atores sociais entrevistados neste estudo, uma vez que a maioria deles não considera, no planejamento, a moral como um conteúdo a ser trabalhado em suas aulas, denotando, assim, a compreensão de que ele não é de sua responsabilidade e que sua intervenção nesta temática deve ser apenas pontual. Além disso, identificamos que, um dos atores entende que o ensino dos valores não é se quer pertinente a sua disciplina.

Os discursos sobre moral instituídos no imaginário dos atores sociais ficaram ligados basicamente ao respeito. Não observamos nas falas uma representação enraizada, ancorada, isto é, a moral que é um tema inquietante aos atores entrevistados ainda não se tornou algo familiar e concreto a eles, por isso verificamos uma perturbação, no sentido de gerar um desconforto, ao responder os questionamentos sobre a conceituação da temática e na própria concepção elementar, como podemos observar na fala da atora social 2: *“Moral, nossa agora cê me aperto...”*. Ainda, visto que nenhum dos atores apresentou uma compreensão mais aprofundada, não mencionando demais valores como a justiça e a igualdade. Por isto se faz necessário um debate constante entre os professores com o intuito de aprofundar seu conhecimento sobre temas que envolvem o cotidiano escolar. Sendo assim, não encontramos uma representação e sim opiniões apenas, uma vez

que as mesmas não estão ancoradas e que a opinião é algo instável (MOSCOVICI, 1978).

Contudo, examinamos neste trabalho que a moral é muito mais do que o respeito, ela também envolve demais valores, tais como a justiça, a igualdade, a honestidade, a reciprocidade, a cooperação, entre outros valores que beneficiam a convivência harmoniosa e de bem estar por parte da sociedade, dentro e fora da escola.

Percebemos que os conflitos existem nas aulas de Educação Física, eles estão presentes em todas as aulas ou momentos da escola e os atores precisam lidar com eles. Observamos que os atores sociais lidam com os conflitos com dificuldade, visto que eles apenas “apagam fogo” com suas ações de intervenção pontuais e elementares. Falta ao professor considerar a moral como conteúdo e planejar atividades e situações que promovam a reflexão, colocando os alunos em situações que devam refletir e discutir para resolver situações diárias ou dilemas surgidos na aula. Essa é uma construção coletiva, a qual envolve professores e alunos, nascida do debate de ideias para chegar a um acordo que é síntese do processo vivido por um determinado grupo.

Leituras a cerca da temática abordada aqui devem ser estimuladas, inicialmente pela própria secretaria da educação para trazer essa temática mais perto dos professores, pois entendemos que a partir de algumas ações, os professores irão ressignificar sua prática docente e seu entendimento sobre o que é moral.

Deste modo, os professores não mencionaram se proporcionam momentos de reciprocidade e, se este momento não ocorre os alunos não tem a oportunidade com essas ações de seus professores de se colocar no lugar do outro, assim não há uma possibilidade mínima de compreender a perspectiva do outro, processo fundamental e significativo na construção da moralidade.

Os professores precisam investir em sua formação continuada, em debates com seus colegas de profissão, para que assim, todos possam ampliar o olhar sobre a importância do ensino dos valores morais, compreendendo que este conteúdo está presente em suas aulas e, portanto, deve ser planejado, sistematizado e avaliado como os demais conteúdos. Uma vez que a moral se tornou um assunto muito forte, necessário e presente nas instituições escolares, pois os alunos cada vez mais precisam conhecer os valores morais para poder se

relacionar em sociedade e até mesmo dentro da escola, a fim de tornar seu contexto um local em que impera o respeito mútuo para se viver com qualidade.

Desta forma, seu embasamento teórico lhe auxiliará em sua prática docente ressignificada e cheia de intenção, sentido e significado, tornando-se atuante na construção dos valores morais em seus alunos, somando o processo de ensino-aprendizagem ao ambiente familiar. Pois, somente assim a escola que buscamos, democrática, igualitária, justa, formadora, tomará forma. Para que tudo isso ocorra, como um ponta pé inicial, este estudo será encaminhado aos atores sociais entrevistados como uma devolutiva, a fim de provocar nos mesmos essa reflexão inicial sobre sua ação pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo José de. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de. (orgs.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

BARBOSA, Claudio Luís de Alvarenga. **Educação física escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção I, 23 dez. 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 175 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Rio de Janeiro/ DP&A, 2000. v. 8: Ética.

_____. Parecer 15/98 do Conselho Nacional de Educação (CNE) – Câmara de Educação Básica (CEB) – MEC – **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, aprovado em 01/06/98 – Parecerista: Conselheira Guiomar Namó de Melo.

CAMINO, Cleonice; PAZ, Márcia; LUNA, Verônica. Valores morais no âmbito escolar: uma revisão dos valores apresentados nos livros didáticos e por professores, de 1970 a 2006. In: LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano. (colaboradores). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 130-151.

CARBONE, Renata Aparecida; MENIN, Maria Suzana de Stefano. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 251-270. maio/ago 2004.

CARVALHO, Leilane Teixeira de. **Bullying e a construção da moralidade no aluno**. 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

DE VRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 328 p.

FARR, Robert M., Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987. 280 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). 148 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 175p.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. São Paulo: **Motriz**, v.5, n.1, jun,1999.

HADJI, Charles. **Pensar e agir a educação: da inteligência do desenvolvimento ao desenvolvimento da inteligência**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2008.

JODELET, Denise. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001. p. 17-44.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano. (colaboradores). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 8. ed. Ed. Loyola, São Paulo, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

MADEIRA, Margot Campos. (orgs.). **Representações sociais e educação: algumas reflexões**. Natal: EDUFRN, 1997.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 91-100, 2002.

MENIN, Maria Suzana de Stefano; ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Educação moral em escolas públicas brasileiras: temas, meios, finalidades e mudanças**. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/Home/Pesquisa/EducacaoMoral/Congresso_Direitos_Humanos_marilia.pdf>. Acesso em: 05 de junho de 2013.

MORENO, Montserrat. **Temas transversais: um ensino voltado para o futuro**. In: BUSQUETS, M.D. et al. **Temas transversais em educação**. São Paulo: Ática, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, Ed., 1978.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001. 100 p.

PALMA, Ângela P. T. V.; PALMA, José A. V.; OLIVEIRA, Amauri A. B. **Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio**. 2 ed. Londrina: Eduel, 2010. 252 p.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física**, 2008.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.

_____. **O juízo moral na criança**. [tradução: Elzon Lenardon]. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, Josep Maria. **A Construção da Personalidade Moral**. São Paulo: Ática, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110p.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999. 144p.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 3ª Ed.

São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVA, Luana Cristine Franzini da. **Intervenções em situações de conflitos interpessoais nas aulas de Educação Física**. 2009. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SHIMIZU, Alessandra de Moraes; CORDEIRO, Ana Paula; MENIN, Maria Suzana de Stefano. Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 167-202, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano. (colaboradores). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 15-45.

TRIVIÑOS A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas S.A. 1987.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru, SP: Edusc, 2008.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 426f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. A construção da autonomia moral na escola: a intervenção nos conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO da PUCPR – EDUCERE e o III CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS – CIAVE, 8, 2008, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE [recurso eletrônico]: formação de professores: edição internacional; Anais do III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências Nas Escolas – CIAVE**. Curitiba: Champagnat, 2008, p. 11238-11250.

VOTRE, Sebastião Josué; BOCCARDO, Ludmila Mourão; FERREIRA NETO, Amarílio. **Pesquisa em Educação Física**. Vitória: UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1993. 91p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista I

Leilane: Então vamos lá professora XXXX, me conta o ano que você se formou em Educação Física e o local?

Atora social 1: Eu me formei em 1991, na UEL.

Leilane: Na UEL mesmo.

Atora social 1: Na UEL.

Leilane: E tem algum curso de especialização na área?

Atora social 1: Tenho, tenho curso de, eu tenho pós graduação em treinamento desportivo e aí depois os outros são na área de educação.

Leilane: De educação mesmo. Professora me conta um pouco como são suas aulas com os alunos do Fundamental II?

Atora social 1: É você que sabe quais os critérios, *[sic]*...

Leilane: Comportamento deles...

Atora social 1: Olha, pra mim é, o comportamento deles é normal, normal de todo o adolescente, eles apresentam os problemas deles, as vezes as preguiças, a falta de vontade em participa, mas a gente conversa e eles participam ativamente da aula sem proble *[sic]*, sem cria problema.

Leilane: E você tem problema de conflito nas aulas?

Atora social 1: Não, nem com a disciplina e nem entre mim e os alunos, nunca tive.

Leilane: Nunca teve?

Atora social 1: Não.

Leilane: É, briga, então não tem?

Atora social 1: Não...

Leilane: Entre eles, é...

Atora social 1: Entre eles as vezes eles discordam, se exaltam, mas a gente tá aqui pra interferi...

Leilane: Ahã...

Atora social 1: Mas, nada que eles saiam se pegando, se agredindo fisicamente ou verbalmente, não.

Leilane: Então ocorre uma intervenção por sua parte...

Atora social 1: Sim, sim...

Leilane: Pra resolver ali...

Atora social 1: Sim, as vezes até paro aula e converso com eles e falo bastante, explico algumas coisas, sobre a moral, sobre, sobre as formas de educação que existem hoje, a educação que eles trazem de casa né, tudo isso a gente conversa, não é com frequência, mas quando acontece algum episódio a gente para e conversa.

Leilane: Sim. E considerando tudo isso que você me disse agora, o que que é moral pra você?

Atora social 1: A moral, bom, primeiro que a moral a, a criança adquire, ela traz através dos exemplos né, começa em casa, com o exemplo que pai e mãe dão e depois quando ela cai na sociedade, geralmente começa essa sociedade, essa sociabilização dentro da escola, ela começa as, a entra em a, em atrito, em conflito com ela mesma, porque ela vê diversas formas de ver a vida né, e que não são iguais as dela, então aí ela acaba formando dentro daquilo que ela foi educada, que ela acredita é que seja verdade pra ela, pro estilo de vida dela, ela forma dentro daquilo que ela pode aproveitar e aquilo que ela não pode ela descarta, então pra mim moral é, é aquilo que eu acho correto, mas as vezes o que eu acho correto pra mim não é pra você...

Leilane: Sim...

Atora social 1: Né, então [*titubeou*] é, eu vejo dessa forma, por exemplo pra mim é, fala palavrão não é correto né, mas pra alguns adolescentes é normal, aí você tem que busca o histórico deles né, pra mim responde o professor é uma falta de educação, mas pra alguns que vêem o pai batenu na mãe todo dia é normal, então a nossa sociedade precisa corrigi lá atrás, na educação que vem de casa, pra que nós possamos dar uma continuidade a [*sic*] na escola né, porque na verdade a verdadeira fun [*sic*] formação, a verdadeira função da escola é a formação do indivíduo né, então essa é minha opinião a respeito do, da moral.

Leilane: E você trabalha moral na sua aula?

Atora social 1: Trabalho, através das atividades física que nós fazemos, através das regras que são colocadas e algumas vezes é, até mesmo entre eles, eles discutem as regras que eles acham que convém pro jogo ou não e dentro disso então eu interfiro e argumento, "ó essa regra dá por isso, por isso e por isso ou essa regra não dá por isso e por aquilo".

Leilane: Ah, sim, tá certo então...

Atora social 1: Tá.

Leilane: Professora, muito obrigada viu...

Atora social 1: De nada.

Leilane: Esclareceu bastante.

Atora social 1: Só?

Leilane: Só.

APÊNDICE B - Entrevista II

Leilane: *[risos]*. Então professora XXXX, me conta o ano que você se formou em Educação Física e o local?

Atora social 2: Na Universidade Estadual de Londrina, em 85.

Leilane: 85...

Atora social 2: Hã...

Leilane: E tem algum curso de especialização na área?

Atora social 2: Tenho, tenho em Educação Física escolar, fiz *[sic]* é, especialização em natação, em administração, supervisão e orientação escolar.

Leilane: Ah, é, legal, bastante coisa né.

Atora social 2: É, e depois quando em 2012, terminei o PDE.

Leilane: PDE já foi feito também...

Atora social 2: Já.

Leilane: Professora me conta como são suas aulas com os alunos da, do Fundamental II?

Atora social 2: Conta como assim? Que, o que que cê que sabe?

Leilane: Como que eles são, o comportamento deles, como eles agem?

Atora social 2: Olha, eu trabalho com os 9º anos, que eu tenho percebido, *[sic]* esse, a dificuldade deles em relacionamento, comportamento né, mudo um pouquinho da, do, dos anos que eu comecei pra cá, então você tem que muito mais diálogo com eles, essa interação, socialização, você tem que proporciona bem no começo, todo começo de ano letivo, você tem que fazer essa interação, pra poder ter essa empatia com o aluno e ele com você, pra você poder trabalhar, ter trânsito legal com eles...

Leilane: Sim...

Atora social 2: E você conseguiu passar o conteúdo e aí no início, por exemplo, essa turma que eu *[titubeou]* que eu peguei essas turmas que eu peguei esse ano, eles não tinham tido uma, uma Educação Física é sistematizada...

Leilane: Hum...

Atora social 2: Eles chegavam, os professores jogavam a bola e só isso, então, é tipo assim *[titubeou]* né, um pouquinho de resistência no início, mas agora no final foi bem gratificante, eu, eu fui começar na segunda-feira dá o último conteúdo que eu ia

[sic], que eu propus dança circular, daí veio uma coleguinha e falou assim: "mais pissora dança?"...

Leilane: [risos].

Atora social 2: Aí uma falou assim: "cê tá reclamando do que? Ela tá nos ensinando!"...

Leilane: Sim...

Atora social 2: "As outras professoras não ensinavam nada pra gente, ela pelo menos tá ensinando!". Então, isso é legal né e depois que eles fazem a aula, se envolvem, "professora, a senhora vai saí de licença! A senhora tá ensinando tanta coisa pra gente!"

pausa na conversa

Leilane: E, mais assim, e quais os maiores problemas que você presencia e vivencia com eles? Problema de conflito...

Atora social 2: Ah, o, o conflito na verdade é assim, é de, deles entenderem primeiro qual é a nossa proposta, não sei se é isso que cê tá querenu [titubeou], se é conflito de eles com eles mesmo, é relacionamento...

Leilane: Isso, eles com eles mesmo, com você, os dois...

Atora social 2: Ah, eu com eles é assim, [titubeou] é, como eles já, no, no 9º ano eles já, já tem há quatro anos o, o mínimo né, que eles tão convivendo, então surge as vezes algum conflito mas é, eles mesmo vão resolvendo, cê tem que intervi muito pouco, agora, quando você propõe ou com relação a metodologia e a conteúdo, aí entra [titubeou], eles tem um pouco de resistência, pelo aquele hábito que eles tinham de não tá [titubeou], não te hábito de estudo...

Leilane: Sim...

Atora social 2: Principalmente com a disciplina Educação Física.

Leilane: Mas, então briga você não tem? Problema de briga?

Atora social 2: Briga, num tem...

Leilane: Não presencia?

Atora social 2: Não, nas minhas aulas, não tem.

Leilane: E quando tem, você me disse que eles resolvem?

Atora social 2: É, eles resolvem, as vezes cê [sic], eu nesse ano num resolvi nenhum problema de conflito, de briga não...

Leilane: Que bom...

Atora social 2: Nos 9º anos não, *[sic]* é, eu peguei o 9º A, B, C né, que são as turmas bem bacanas, ah o 9º B, *[titubeou]* pensando um pouco melhor o B ele tem assim uma, uma *[titubeou]*, nossa, como que eu poderia coloca, acho, me, me parece eles mais, *[sic]* uma turma mais jovem, de mais imaturos, então eles resistem mais em fazer as coisa...

Leilane: Sim...

Atora social 2: Por exemplo, vamos supor, põe leituras ou fazer uma pesquisa eles não cumprem com o combinado.

Leilane: Sim...

Atora social 2: Então, quando você vai na *[titubeou]* pra sala de aula fazer um trabalho a partir daquela pesquisa é, como a maioria não faz, aí não tem essa interação de né, de conseguir trabalhar, o conhecimento, fazer a relação do conteúdo que eles pesquisaram com aquela prática que a gente ia propor.

Leilane: Sim...

Atora social 2: Aí fica difícil né, e aí como eles vieram muito, com muita defasagem dos conteúdos básicos eu tinha que tá sempre retomando, no esporte, retoma até a fundamentação básica, eu não consegui entrar em sistema tático, fundamentação, aí não discuti, por exemplo, eu queria discutir as habilidades motoras envolvidas naquela prática, não consegui chegar.

Leilane: Não avança...

Atora social 2: Porque eu tinha que *[titubeou]*, resgata conteúdo lá do 6º ano...

Leilane: Sim.

Atora social 2: Né, então é, é muita, muito pouco tempo pra você é, recupera, é, esse tempo que eles perderam.

Leilane: Ahã. Então professora, mas é relacionado ao que você falou em do, do conflito, o que que é moral pra você?

Atora social 2: Moral, nossa agora cê me apertou...

Leilane: *[risos]*.

Atora social 2: Ah são valores...

Leilane: Sim...

Atora social 2: São valores, daí tá relacionado com as atitudes do aluno, com o comportamento, aí o que que eu entendo de ética e eu, isso eu trabalho com os alunos, é tem específico esse conteúdo né, com os 9º anos, ética no esporte...

Leilane: Legal...

Atora social 2: E aí você *[titubeou]*, faz a relação da ética, tanto de comportamento deles na, na prática, como na questão, nas questões sociais.

Leilane: Que bom, então você trabalha com eles já, como conteúdo?

Atora social 2: Como conteúdo, *[titubeou]* vem na, na, na, no planejamento e nas Diretrizes e a gente tem, tem que trabalha isso como Tema Transversal né.

Leilane: Legal...

Atora social 2: Só que as vezes é, é não é trabalhado né, mas eu procuro *[sic]* e tá sempre trabalhando, por, como *[titubeou]* surge essas questões de, de discussão, de, da competição, de, de ser o melhor...

pausa na conversa

Atora social 2: Então, aí quando surge esse é, conflitos no, no jogo é, e aí a gente trabalha *[titubeou]* a ética no sentido do, por quê que vencer, "vence quem é o melhor? Não é assim né!" Então passa os vídeos de situações de, de conflitos dos jogos, dos esportes de alto nível *[titubeou]* e o que é mais comum pra eles assistirem é o futebol né, e a gente traz a discussão pra sala de aula.

Leilane: Que bom, então é, você trabalha com eles?

Atora social 2: Trabalho, essa questão do, da ética sim, sempre buscando e, e o difícil é você não emitir juízos de valores né, coloca o seu valor como, como, seria a verdade né, pra eles, *[titubeou]* faze um discussão a partir do texto, que a gente tem que tá sempre preparado do que é ética, trabalha o conceito de ética né, e aí vem trazendo para a parte prática deles, o dia a dia, relaciona com o esporte, com a prática da atividade que a gente tá fazendo...

Leilane: Ahã...

Atora social 2: Isso que a gente tem que trabalha com eles.

Leilane: Quem bom professora, é isso, esclareceu bastante.

Atora social 2: *[risos]*.

Leilane: *[risos]*, mas brigada.

APÊNDICE C - Entrevista III

Leilane: É professor XXXX, me conte o ano em que você se formou em Educação Física e o local?

Ator social 3: Foi aqui em Londrina na UNOPAR, no ano 2000.

Leilane: 2000...

Ator social 3: Uhum.

Leilane: É, tem algum curso de especialização na área?

Ator social 3: Pós graduação em Educação Física Escolar pela UNOPAR, agora tô fechando um também na ESAP em Gestão Meio Ambiente, Gestão, Gestão em Meio Ambiente...

Leilane: Ah...

Ator social 3: Que não tem muito a vê, mas eu, é bom também, gostei do curso.

Leilane: Gosto. Professor me conta um pouco como são as suas aulas com os anos finais do Fundamental II?

Ator social 3: Cê fala no geral? Cê que sabe...

Leilane: Geral, comportamento deles...

Ator social 3: É, como eles são, já tão já, aqui no 9º ano né, que é o que eu tenho aqui a tarde, na questão, você que sabe na questão disciplinar?

Leilane: Isto...

Ator social 3: Hum, é, é tranquilo em certos termos, tipo assim, tem os alunos, não dão problema na questão de confronta professor, tem educação, tem respeito, mas eles as vezes o que que mais pega nas aulas seria em questão de fica um pouco meio parado sabe, essa questão de celular, que a gente tem que pega no pé, eles ficam muito, principalmente as meninas, algumas, tem que fica pegando no pé, se não elas não, a maioria, a maioria não, a minoria não que faz muito atividade, mesmo a gente trabalhando isso, nos bimestres, eles ficam, meio assim pouco alienado que eu percebi, entendeu, né, mas assim, não tem problema de relacionamento né, que seria a moral, a questão de desavenças, eles obedecem, se eu pego no pé eles fazem, mas se você deixa um pouquinho lá, dá um pouquinho de brecha, já senta lá e fica, só que tem que tá sempre tá cutucando, uma coisa que antes, alguns anos atrás, eu percebi que não era assim, eu sei que essa tecnologia trouxe benefícios, mas traz uma coisa também de acomodação né...

Leilane: Sim.

Ator social 3: Acho que num, eles tão um pouco perdendo aquela coisa de, de ter aquela atividade pra, pra prazer né, eles ficam desviando esse foco em outro, outro, no caso aqui o no celular, que é um computador, um mini computador, né.

Leilane: Sim.

Ator social 3: É complicado nesse ponto que mais, fora isso, tranquilo.

Leilane: Então você não tem problema de conflito...

Ator social 3: Não...

Leilane: Nas suas aulas?

Ator social 3: Conflito muito pouco, muito pouco, é uma coisa ali, outra, as vezes eles trazem isso das outras aulas ou de fora, uma coisa que a gente acaba descobrindo na aula ali, que *[titubeou]* na Educação Física eles tem um relacionamento mais aberto com os *[titubeou]* professores, pelo menos eu vejo isso né, mas acaba falando coisa que não tem nada a vê com a aula e tal, e passa, passa isso pra você, mas *[titubeou]* no geral, na aula assim, na Educação Física eles, pelo menos eu não tive problema aqui na Escola.

Leilane: Problema de briga, de briga então?

Ator social 3: Briga não, fica mais pras séries iniciais assim, briga não é briga de, é mais é aquela questão de, eles são mais e ainda *[sic]* descobrindo né, então eles num, tão formando caráter então as vezes, de repente falta uma, alguém puxa a orelha ali, dá uma...

Leilane: Sim.

Ator social 3: Chega junto.

Leilane: Professor é, então me dá um exemplo de conflito, desse conflito que você me falo, não é briga o que que é?

Ator social 3: É mais assim uma vaidade, vamos dize assim, vaidade, ah, *[titubeou]* eu vejo sempre, falo das meninas porque, os meninos são os que mais são mais ativos né, deve te uma vaidade, mais não é uma que aflora muito na aula, questão assim de se arruma, que fica mais bonita que a outra, que num sei o que, que tá disputando algum menino né, uma coisa assim que eu vejo esses conflitos, não na aula, na, na questão mais pessoal assim...

Leilane: Sim...

Ator social 3: Que, que eu percebo, que não é uma coisa, que a aula sempre eles tão seguindo o que o professor pede pra eles, pelo menos os, a maioria, não vou dizer todos também que, foi o que eu te coloquei ali no começo né...

Leilane: Ahã...

Ator social 3: Eles tem uma, perdendo um pouco o foco e a gente tem que fica meio em cima deles, falo, falo uma coisa da nota, falou em ganha nota eles fazem...

Leilane: *[risos]*.

Ator social 3: Que é bem chato a gente te que fala isso, mas as vezes tem que cobra né, o interesse tem que te um interesse ali, cê fica muito né, muito solto aí num, num é legal.

Leilane: Professor e o que é moral pra você?

Ator social 3: É, moral seria a gente te uma convivência com as pessoas né, de modo geral, educação, sabe respeita a, as indiferenças também que, hoje tá aí, tá num processo que tá evoluindo, mas ainda eu acho que vai demora um tempo né, porque é passado mais é uma coisa é fala, outra coisa é faze...

Leilane: Sim.

Ator social 3: Que a gente sabe que é *[sic]*, mais difícil e respeita sempre a opinião da, *[titubeou]* das outras pessoas né, e isso que a gente que, a gente passa, se a gente passa isso pras pesso *[sic]*, pra pessoa, acho que ela vai te assim, como se fosse um espelho né, as vezes pode ser que uma outra tá com o espelho quebrado né, *[risos]*..

Leilane: *[risos]*.

Ator social 3: Mas, mas na verdade a gente num pode espera isso da pessoa, a gente, o que falta as vezes é um pouco de, paciência né, que a gente, no dia a dia corrido a gente fica meio é, como eu vo fala, se for fora aqui da escola, for no trânsito mesmo, tem dia que eu venho, *[sic]* tava tranquilo esses dias queria pega eles *[sic]* e *[titubeou]* dá porrada né, mai não vo faze isso né, mas no momento ali a gente foge um pouquinho do...

Leilane: Sim.

Ator social 3: Daquela, questão de, de respeito né, mas é tem que te paciência mesmo.

Leilane: E você trabalha moral com seus alunos?

Ator social 3: É, de certa forma procuro passa o meu jeito pra eles, pra eles tá entendendo que é a forma que eu vou trabalha que, que eu espero de respeito deles né, na maioria tem, consigo, eu não faço uma, uma, não do a aula de moral né, que a gente teve na faculdade, mas é o que eu passo pra eles, respeito né, "ah, preciso ir em algum lugar professor!" Fala com o professor, professor vai entende beleza, não toda aula, aquela pessoa que vai, também tá matando aula né, aí não, nessa forma eu trabalho com eles, nas aulas né.

Leilane: Legal professor...

Ator social 3: É...

Leilane: Muito obrigada, esclareceu.

Ator social 3: Beleza então *[risos]*.

Leilane: Muito obrigada *[risos]*.

Ator social 3: Tá bom.

APÊNDICE D - Entrevista IV

Leilane: Bom professor XXXX, me conte o ano que você se formou em Educação Física e o local?

Ator social 4: É 1992 e o local é Universidade Estadual de Londrina.

Leilane: Na UEL mesmo né?

Ator social 4: Isso.

Leilane: O senhor tem algum curso de especialização na área?

Ator social 4: Tenho, é Educação Física no Ensino Básico pela UEL e administração escolar pela UNOPAR.

Leilane: Ah, já tem dois cursos, então.

Ator social 4: É, isso são dois.

Leilane: Professor me conta um pouco como são as suas aulas com os alunos dos anos finais do Fundamental II?

Ator social 4: Uhum...

Leilane: É por exemplo assim, como foi a sua última aula com eles?

Ator social 4: Então é, a gente trabalha os conteúdos clássicos né, em Educação Física são os PCN's, que é Lutas, Dança, Esportes e Jogos né, e só que eu do mais ênfase pra parte esportiva né, que a cultura deles também, é eles dificilmente [titubeou] desvinculam desse conteúdo, pra gente trabalha os outros conteúdos eu tenho mais dificuldade.

Leilane: Sim...

Ator social 4: É por causa do, [sic] eles não tem tanta aceitação né.

Leilane: É. Mas professor me conta um pouco assim é, as características gerais dos seus alunos?

Ator social 4: Uhum...

Leilane: Como que eles são?

Ator social 4: Então, eu tenho uma turma aqui só.

Leilane: Sim.

Ator social 4: Em outra escola eu tenho mais turmas, mas aqui os alunos eles são, a cultura deles igual eu to te falando do, principalmente dos meninos é mais com o futsal.

Leilane: Sim.

Ator social 4: É, a, tanto é que eu vim aqui trabalha um outro conteúdo que era voleibol e eles não sabiam joga, no 9º ano eles não sabiam joga, eles [titubeou] tavam mais acostumados com jogos, me pediam pra jogar betis e eu vi que o conteúdo do professor, que eu to substituindo o professor né...

Leilane: Sim.

Ator social 4: Eu tava trabalhando os jogos, então eu pensei: "agora eu vou prioriza um outro conteúdo né", porque eles vivenciaram os jogos e não sabiam o voleibol e eu trabalhei o voleibol o bimestre passado e agora to com o futsal.

Leilane: E em relação ao comportamento deles, como que eles são?

Ator social 4: Então, é, eles são bem agitados né, em sala de aula é complicado de...

Leilane: Trabalha...

Ator social 4: Trabalha com eles, tanto é que eu reclamei de alguns de alunos e a pedagoga falo: "porque que outros professores reclamaram!" E eles tem problema com todos os professores...

Leilane: Sim.

Ator social 4: É uma turma bem agitada.

Leilane: E assim, o maior problema que você tem com eles, você tem problema de conflito na sua aula?

Ator social 4: As vezes, é porque alguns não querem participar da aula, da parte prática por exemplo.

Leilane: Me dá um exemplo de conflito que aconteceu na sua aula?

Ator social 4: Ahã...é eu estou dando aula teórica por exemplo, o aluno fica imitando bicho, fica gritando, é assoviando, dentro da sala né, é caminhando nas carteiras, mexendo com o amigo, então essas são as...

Leilane: seus maiores problemas...

Ator social 4: Meus maiores problemas.

Leilane: Briga você não tem? O que que é "mexer com o amigo"?

Ator social 4: Não. Mexe com o amigo é conversa, conta piadinha, tira o objeto do, do colega pra ele fica bravo, sabe...

Leilane: Ahã...

Ator social 4: Tipo pega um lápis, pega uma, joga uma borracha pela, pela janela, esse tipo de coisa.

Leilane: Briga então você não tem?

Ator social 4: Aqui eu não vivenciei isso aí, briga.

Leilane: Sim. Professor e é, o que que considerando tudo isso que me disse, o que que é moral pra você?

Ator social 4: Moral, então é a, moral pra mim é o que a pessoa é adquire no, no dia a dia né, com os pais por exemplo, é quando o pai é ensina pro filho não pegar uma coisa né, do amigo ou quando você tá dirigindo o carro você vê o sinal é vermelho, você não atravessa né, pra mim é, são as, bons condutos do cidadão pra mim é a moral.

Leilane: E você ensina pra eles moral, você trabalha isso com a sua aula, na sua aula?

Ator social 4: Como conteúdo não, mas como exemplos, quando né, acontece alguma coisa errada eu paro, [*titubeou*] eu paro e tenho a oportunidade de fala sobre isso, o que é certo e o que é errado, aí eu, eu faço a intervenção, por exemplo, se o amigo [*titubeou*] é fazer *bullying* com o outro né...

Leilane: Sim...

Ator social 4: Aí eu faço a intervenção e peço pra que isso não aconteça novamente.

Leilane: Entendi, então como conteúdo não?

Ator social 4: Não.

Leilane: Mais assim é, você resolve ali se acontece algum problema de conflito?

Ator social 4: Isso, sempre com exemplos.

Leilane: Com exemplos de, que você traz de onde?

Ator social 4: Da minha formação né, [*titubeou*] meus pais, avós.

Leilane: Entendi, relacionado com o que você me falou sobre moral.

Ator social 4: Isso.

Leilane: Então tá bom professor, brigada viu...

Ator social 4: Eu que agradeço.

Leilane: Era isso que eu precisava saber.

APÊNDICE E - Entrevista V

Leilane: professora XXXX me conta o ano que você se formou em Educação Física e o local?

Atora social 5: 91, o ano.

Leilane: Na UEL mesmo?

Atora social 5: Sim.

Leilane: Tem algum curso de especialização na área?

Atora social 5: Em técnicas e ginástica.

Leilane: Ginástica?

Atora social 5: É.

Leilane: E professora me conta um pouco como são as suas aulas com os alunos do Fundamental II, os anos finais né, que você dá aula aqui?

Atora social 5: E que tem a ver a moral com essa parte aí?

Leilane: Eu quero saber um pouco como que foi a sua aula, como que é a, como que é a característica dos alunos, comportamento deles?

Atora social 5: É, hoje tá meio complicado porque eles são bem sedentários né, não querem fazer muito exercício não, então eu trabalho bastante saúde, trabalho bastante a parte fisiológica do corpo, que não é só a parte mecânica dos jogos né, ou do próprio movimento, então trabalho teoria também...

Leilane: Sim.

Atora social 5: De 15 em 15 dias eu faço aula teórica.

Leilane: E como que é o comportamento deles?

Atora social 5: Eles gostam bastante, só que é, tem que te *[sic]* eu sempre trabalho um trabalho de conscientização do aluno né, pra eles se conscientizar que o exercício físico dentro da vida dele, não só aqui dentro da escola, futuramente pode servir pra ele...

Leilane: Sim...

Atora social 5: Pra não ser um sedentário da vida...

Leilane: Sim...

Atora social 5: E passa isso para os seus filhos e filhas né.

Leilane: Ahã, e em relação ao comportamento deles, as características deles, como que eles são?

Atora social 5: Ah, eles não são muito receptivos não, por que, porque hoje os meios de comunicação, os celulares atrapalham muito...

Leilane: Sim...

Atora social 5: Né, então que diz até mesmo livros eles esquece de trazer o livro mas o celular ou o fone de ouvido eles não esquece.

Leilane: E em relação ao conflito, você tem problema de conflito nas suas aulas?

Atora social 5: Não, não.

Leilane: Não tem problema de briga?

Atora social 5: Não...

Leilane: O relacionamento deles...

Atora social 5: Não, não.

Leilane: Não, é tranquilo né?

Atora social 5: É.

Leilane: E professora em relação a tudo que você me disse, o que que é moral pra você?

Atora social 5: A moral eu acho que é a falta de valores eu acho, e princípios, porque isso você aprende dentro de casa ou num aprende, aí você vem pra escola, que nem hoje as vezes a gente chama uma turma que eles desrespeita o professor, então é esse lado do professor na frente e o aluno do outro lado num tá tendo assim, muito valor né, nosso papel social caiu bastante hoje em dia né, não era como antigamente e nós formamos médicos, dentistas e tudo, e isso pra eles, eles não carregam mais, porque não sei se a própria família que num passam isso dentro de casa não e aqui é uma escola de centro e as vezes tem problemas com relação a esse fato aí da moral, a falta de princípios, a falta de valores, porque hoje acontece tanta violência aí fora né, que eles acabam colocando dentro da escola...

Leilane: Mais aí então, mas essa violência que você tá me relatando num chega a ter dentro da sua aula...

Atora social 5: Não, não, não...

Leilane: Esse problema?

Atora social 5: Não, não, não, mas a gente vê assim a violência assim as vezes oral né, oral ou desacato né, que você fala pro aluno: "oh, larga o celular, larga o fone!" E isso acontece...

Leilane: Com você acontece?

Atora social 5: Como tem que ser, comigo acontece, e aí o que que acontece, hoje a escola ela tem autonomia, mas o respaldo é muito para o aluno e pouco para a própria escola e [*titubeou*] pouco para o professor né, então que diz, pra você toma um celular hoje do aluno e você né, fica as vezes pai e mãe chega e fala: "por que que pego o celular do meu filho?" Então isso as vezes falta muito é dentro de casa mesmo...

Leilane: Entendi...

Atora social 5: Chega aqui na escola e acontece isso.

Leilane: E você trabalha moral com seus alunos...

Atora social 5: Também...

Leilane: Na aula?

Atora social 5: Procuo trabalha, Ahã...

Leilane: Como que você trabalha?

Atora social 5: A moral eu trabalho acima de, de respeito, que nem hoje até aconteceu um fato, que nem uma professora nova, que entro na sala, fui passa um negócio dos jogos e a professora estava atrás da porta e a turma ali gritando, falando alto, sem percebe que a agora professora tá ali, tava ali e a professora é nova, acho que ela é contratada, coitada, porque não sabe o que que é a realidade aqui dentro...

Leilane: Sim...

Atora social 5: E as vezes vocês estão lá pesquisando aí não sabe a real...

Leilane: Dia a dia...

Atora social 5: O que acontece no dia a dia dentro de uma sala de aula e hoje aqui você as vezes vê um aluno, mas, eu sempre converso com meu aluno, eu conheço todos os meus alunos por nome e as vezes realmente ele é a tem uma atitude assim é não errada, mas um, um problema em casa que acaba afetando dentro aqui da escola e quem que vai acudi é o professor de Educação Física que é onde ele chega, conversa, vai fala, então daí você tem que as vezes ser também uma amiga, que você vai ter que tentar intermediar essa, essa situação.

Leilane: Sim.

Atora social 5: E acontece várias coisas, então as vezes cê fica né, de cabelo em pé, de, de ouvir as coisas, mas a gente tem que fazê o nosso papel como educador né, eu tô, eu também trabalho numa outra escola que é de periferia e o índice de drogatição é muito grande, famílias desestruturadas e é complicado, é complicado lá, porque é devido a esses problemas sociais acaba afetando tua proposta e o índice de repetência é muito grande.

Leilane: Mais assim, como que você trabalha na sua aula, em forma de conteúdo?

Atora social 5: Conteúdo, teoria, exemplos, chamo a atenção, que eu sou bem rigorosa nessa parte em termos de respeito, de valores, de princípios né, coloca eles sempre para ser um cidadão crítico dentro da sociedade, porque, eles é que vão ser o Brasil futuro, somos nós, eu falo pra eles, então eles tem que saber cobrar, tem saber ser justo, tem que saber ter esses valores, princípios e principalmente respeito ao próximo, inclusive os jogos que eu faço assim, eu acho que você tem que joga saudavelmente sem te problema nenhum com o próximo, acho que tem que ter educação a tudo, então eu trabalho tanto na prática como na teoria.

Leilane: Ah, então tá bom professora.

Atora social 5: Tá, só isso?

Leilane: Só isso, muito obrigada.

Atora social 5: Tá, tá.

APÊNDICE F - Entrevista VI

Leilane: Bom professor XXXX me conta o ano que você se formou em Educação Física e o local?

Ator social 6: 1977.

Leilane: Sete, sete.

Ator social 6: Em João Pessoa, Paraíba.

Leilane: E longe [risos]. E tem algum curso de especialização na área?

Ator social 6: Só didática.

Leilane: Didática né.

Ator social 6: Uhum.

Leilane: Professor me conta como são suas aulas com o 7º ano aqui?

Ator social 6: É na parte mais assim de [titubeou] iniciação ao esporte né, e um pouco de fundamentos do, da modalidade de cada bimestre.

Leilane: E como que são os seus alunos, o comportamento deles?

Ator social 6: São bem difícil...

Leilane: Característica deles?

Ator social 6: Muito assim, sem aceita disciplina, são muito assim que [titubeou], é [titubeou], são individualistas, eles não aceita assim, o que é, é cê dividir as coisas, querem sempre, eles querem fica, manda assim, individualistas né, fica, num que divida as, assim as [titubeou], as, eles não aceita regras, num querem aceita regras...

Leilane: Sim. E professor é, me fala se você tem problemas de conflito, de briga nas suas aulas?

Ator social 6: Não, tem de jeito nenhum.

Leilane: Não tem?

Ator social 6: Não, briga não.

Leilane: Nem entre você...

Ator social 6: Não, não...

Leilane: E nem entre eles?

Ator social 6: Num tem não.

Leilane: Discussão?

Ator social 6: Não, discussão não.

Leilane: É, então você não tem esses problemas?

Ator social 6: Não, num tenho.

Leilane: Eles são, eles são, eles tem, eles tem essas características que você me disse...

Ator social 6: Mas é na hora que vai assim, de quere joga sempre aquela panelinha assim de, do *[sic]*, não aceita dividi assim, faze falando *[titubeou]* que, que fica sempre com os mesmos amiguinhos, eles não querem assim, cê eu for dividi, eles querem fica fazendo a panela, então, eles assim, mas indisciplina de quere briga não.

Leilane: Entendi. E considerando isso que você me disse, o que que é moral pra você?

Ator social 6: Moral, acho que é respeita o outro né.

Leilane: Mais alguma coisa? E, e você trabalha isso com os seus alunos? Como que você trabalha?

Ator social 6: A gente tenta, a gente tenta faze ele respeita o próximo né, pra pode se respeitado né, pra não desrespeita, mas tá bem difícil viu.

Leilane: E como que você faz isso?

Ator social 6: A gente tenta explica à ele que ele tem que respeita o próximo, pra não desrespeita, porque ele tem que se respeitado, então fica difícil você, eles, cê tá pensando na família deles, num tem, em casa eles num tem né, então eles querem faze, agora eles tão com o negócio de celular, tá enchendo muito, eles tão muito assim, só no celular, a gente vai fala eles ficam com raiva...

Leilane: Sim.

Ator social 6: Então fica bem...

Leilane: Mais e na sua aula é, você faz com que eles é, trabalhem esse respeito?

Ator social 6: É, respeita um o outro.

Leilane: Mas em forma de conteúdo?

Ator social 6: Não, de conteúdo não, porque, a gente trabalha essa parte de conteúdo não...

Leilane: É...

Ator social 6: Essa parte o professor de, de ensino religioso que tem, o professor de ensino religioso sabe, eles trabalham, mas a gente não, da Educação Física num, eu acho que ninguém trabalha, essa parte de, de moral.

Leilane: Entendi. É o, então é só se acontece algum caso, do problema da divisão...

Ator social 6: É, na hora de, de dividi o time, faz assim, eles num aceita, querem só, querem, eles querem joga sempre os melhores com *[titubeou]*, eles não querem dividi.

Leilane: Ahã. E a moral entra aí como? Que aí você falo pra mim que ensino o negócio do, do respeito...

Ator social 6: É, um respeita o outro né, te *[sic]* pra pode num, num xin, xinga os outros, num desrespeita, sabe respeita o próximo, que as vezes um é, tem problema assim deles, um tem raiva do outro, então tem um menino aí, que ele, ele tinha problema, então agora eu consegui, então fica muito chamando muito a atenção, a até saiu uma menina da sala que era, que ela ficava querendo briga com todo mundo, aí ela foi transferida agora pra outra sala, foi tirada...

Leilane: Entendi...

Ator social 6: Aí ela queria briga com todo mundo que era assim, se não fica do lado dela, aí disse ela queria, então os menino tinha medo as vezes.

Leilane: Ahã. Então assim, é o problema do desrespeito na hora da divisão de time...

Ator social 6: É na hora que eles num aceita, "ah, eu não vou jogar se fulano!" Então, fica assim com medo de, que eles sabe né.

Leilane: Aí você para e, para a aula e?

Ator social 6: A gente conversa, conversa, olha tem que respeita o próximo, de "não é ganha, é participa!" Eles querem joga um negócio e querem ganha, aí o meu negócio num perde, não tem negócio de ganha, é participa da aula, porque a Educação Física eu acho assim e na aula de Educação Física num tem nada de ganhador né, é participar da aula de...

Leilane: Sim.

Ator social 6: E, e hoje tá bem difícil viu.

Leilane: É né, professor.

Ator social 6: Antes era melhor.

Leilane: *[risos]*.

Ator social 6: Antes eu trabalhava aqui, quando eu vim aqui em 2000, com 5ª série, juntava aqui 30 aluno, a garotada fazia tudo, fazia aquecimento, fazia direitinho, hoje é tão mais assim, que junta três, quatro no mesmo horário, então aí eles mistura, então fica difícil né, que as vezes falta material também né, que as vezes a gente que faze um trabalho assim mais, as vezes daí...

Leilane: É difícil...

Ator social 6: Que eles não gostam muito assim, se cê vai passa um filme sobre, assim de, pra respeito num sei o que, então é *[sic]* eles acha que Educação Física esse negócio de.

Leilane: Entendi, a aceitação deles quando você traz um material...

Ator social 6: Eles querem, acham que é só na quadra, que a gente, eu trabalho as vezes com as, um trabalho *[titubeou]* assim, conteúdo de, da moralidade né, aí eles ficam meio chateado, que querem fica na quadra então.

Leilane: Entendi. Mas então tá bom professor, é isso, muito obrigada viu.

Ator social 6: De nada.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de convidá-lo a participar de nosso estudo “Representações Sociais de professores de Educação Física da Rede Pública de Londrina-PR sobre a construção da Moral em suas aulas”, que tem como objetivo “Verificar como os professores constroem o conceito de Moral em suas aulas Educação Física do Ensino Fundamental anos finais da Rede Pública de Londrina”.

Realizaremos uma pesquisa estabelecida na abordagem qualitativa, com a realização de entrevistas, junto aos participantes do estudo.

Trata-se de uma monografia de especialização, desenvolvida por Leilane Teixeira de Carvalho e orientada pelo Prof. Dr. Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires.

A qualquer momento da realização desse estudo quaisquer dos participantes/pesquisados e/ou estabelecimentos envolvidos poderão receber esclarecimentos adicionais que julgarem necessários. Poderá qualquer participante selecionado(a) se recusar a participar ou se retirar da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Nenhum nome, identificação de pessoas ou locais especificamente interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos (artigo científico).

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que seja assinado o “Termo de Consentimento de Realização da Pesquisa Científica” abaixo. Desde já agradeço sua colaboração.

Leilane Teixeira de Carvalho
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa “Representações Sociais de professores de Educação Física da Rede Pública sobre a construção da Moral em suas aulas”, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Londrina, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do Pesquisado

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com a responsável pelo estudo:

e-mail: le_leilane@hotmail.com / **Telefone:** (43) 9975-3577.